



**LUCIANA RAQUEL
ESTIMA CORREIA**

**A INFLUÊNCIA DAS DIFERENTES FORMAS DE
SUPORTE SOCIAL NA MOTIVAÇÃO DESPORTIVA
EM DIFERENTES GRUPOS ETÁRIOS**



**LUCIANA RAQUEL
ESTIMA CORREIA**

**A INFLUÊNCIA DAS DIFERENTES FORMAS DE
SUPORTE SOCIAL NA MOTIVAÇÃO DESPORTIVA
EM DIFERENTES GRUPOS ETÁRIOS**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica, realizada sob a orientação científica da Doutora Josefa das Neves Simões Pandeirada, Equiparada a Investigadora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro e coorientação científica da Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos, Professora Auxiliar na Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Não faria sentido ser de outra forma se não dedicando esta dissertação à minha orientadora por me ajudar a tornar este sonho realidade, sem nunca desistir de mim nem me deixar desistir. Este trabalho sem dúvida que não é meu, é nosso!

o júri

presidente

Prof. Doutora Anabela Maria Sousa Pereira
Professora Associada C/ Agregação, Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Alexandra Maria Dantas Castro Araújo Mendes
Professora Auxiliar, Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Prof. Doutora Josefa das Neves Simões Pandeirada
Equiparada a Investigadora Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

“Qualquer coisa que encoraje o crescimento de laços emocionais tem que servir contra as guerras” (Sigmund Freud, nd)

É essencialmente a estes laços emocionais que, chegado o final de mais uma etapa do meu percurso, quero agradecer. São estes laços que me fizeram não desistir até agora e que me vão continuar a dar forças para alcançar o que desejo.

À minha orientadora, Doutora Josefa Pandeirada, agradeço o voto de confiança e o “Sim” sem hesitação a este meu sonho. Agradeço todos os ensinamentos e exigência, a paciência, a disponibilidade e o apoio incondicional. Agradeço todas as palavras que me fizeram acreditar até ao fim que era possível. Sou muito grata por ter realizado consigo este sonho. À minha coorientadora, Doutora Paula Vagos, agradeço por toda a disponibilidade e conhecimentos e por todas as interrupções do seu trabalho sempre que surgiam dúvidas pontuais. Ao Doutor Pedro Rodrigues pelo apoio incansável desde o início e, principalmente na recolha de dados. Por todas as palavras de apoio nos momentos de maior descrença e pela agradável banda sonora nas nossas viagens. Obrigada!

A todos os participantes, um agradecimento especial porque sem vocês não seria possível chegar até aqui. Desde o grupo de crianças que participaram na reflexão falada, e que se portaram como verdadeiros colegas de trabalho, a todos os clubes, dirigentes e treinadores, que foram incansáveis na colaboração prestada e, acima de tudo a todos os atletas que, com a sua boa disposição, me davam sempre esperança e vontade de continuar.

À minha parceira e amiga Sara Félix. Agradeço por todas as noites a fazer trabalhos ou a inserir dados, que me ajudaram a não desistir mesmo perante os piores cenários e que ajudaram a tornar possível o trabalho que aqui apresento. Mais do que isso agradeço o apoio incondicional e o ombro amigo sempre que o desespero falou mais alto. Não vou esquecer nenhuma quinta académica contigo!

À minha família, especialmente, aos meus pais, irmão, cunhada e avó. Agradeço por terem tornado possível entrar nesta academia e por todos os momentos comigo que abdicaram por eu ter de me dedicar à universidade. Mas, acima de tudo, agradeço por me terem transmitido os valores que sempre regeram o meu percurso académico. Obrigada! Ao Tojó e à Cátia, família de coração, agradeço de olhos a brilhar, por me terem dado a melhor motivação do mundo para concluir este árduo trabalho. Estou à espera dela de braços abertos!

Aos meus amigos, aos de sempre e aos que a Universidade me trouxe e que partilharam comigo casa, dias de estudo, horas de conversas, palavras de apoio e muito mais. Não preciso de nomear porque vocês sabem quem são. O meu muito obrigado, nunca se esqueçam que são muito especiais para mim e que são um dos meus motivos para sorrir!

Às minhas pequenas Alexandra e Joana, agradeço do fundo do coração por me terem dado um enorme voto de confiança e por sempre compreenderem as minhas ausências. Agradeço todos os pequenos grandes momentos que levo no coração!

A todos os jovens que, ao longos dos anos, foram passando pela minha vida, nas mais diversas atividades, agradeço por me darem forças para na segunda-feira seguinte continuar sempre cheia de força e jovialidade!

E, porque os últimos são os primeiros, agradecer a Ele, o meu melhor amigo e que sempre me deu forças para levantar a cabeça e continuar. Sem o Seu amor nada seria possível!

Com isto quero deixar um agradecimento, não só às pessoas que elenquei, mas a todas as estrelas que brilham na minha vida ou que em algum momento me mostraram o seu brilho. Sou grata por ter chegado onde cheguei e convosco ao meu lado. Sou uma pessoa mais rica por todos estes laços emocionais que me protegem em todas as guerras.

palavras-chave

Pais, pares, treinador, motivação intrínseca, motivação extrínseca, motivação autodeterminada, amotivação, desenvolvimento

resumo

O suporte social refere-se à interação decorrida entre indivíduos, havendo um que presta o apoio e outro que o recebe; o objetivo será a melhoria do bem-estar de quem recebe o apoio. A literatura tem indicado que o suporte social tem impacto na motivação desportiva e este pode advir de vários agentes, nomeadamente, dos pais, pares e treinadores. Apesar de alguns estudos mostrarem a influência destes vários agentes na motivação, escassos são os estudos que abordam mais do que uma destas variáveis de uma forma combinada. Adicionalmente, parecem ocorrer alterações deste suporte social ao longo do desenvolvimento, um tópico que tem recebido cada vez mais atenção dada a importância que o mesmo assume na motivação desportiva. Este estudo aborda os vários agentes de suporte social – treinador, pais e pares – simultaneamente, sendo avaliada a sua importância através de instrumentos de autorrelato. Pretendemos ainda explorar a influência que estes vários agentes têm na motivação desportiva; esta variável foi igualmente avaliada através de um instrumento de autorrelato.

Dada a inexistência de uma escala que nos permitisse avaliar o suporte social prestado pelos pares, num primeiro estudo, começámos por validar a Escala da Qualidade de Amizade Desportiva (Weiss & Smith, 1999). Participaram neste estudo inicial 226 atletas (9-19 anos) de modalidades desportivas de equipa. Os resultados desta validação preliminar revelaram valores satisfatórios de consistência interna para as várias subescalas que compõem o instrumento assim como de validade fatorial.

No segundo estudo, analisámos de forma combinada os vários agentes de suporte social e o modo como estes se correlacionam (análises de correlação de Pearson) e permitem prever a motivação para a prática desportiva (análises de regressão múltipla). Estas análises foram realizadas quer para a amostra total dos atletas ($N = 192$; 9-19 anos) quer para os três grupos etários criados para analisar diferenças em diferentes níveis de desenvolvimento. Os resultados apontaram para uma predominância do impacto dos pares na motivação intrínseca e dos pais na motivação extrínseca. Relativamente à análise desenvolvimental, verificámos que, com o aumento da idade se observou também um aumento do apoio e acompanhamento por parte dos pais bem como a diminuição da influência técnica por parte dos mesmos. Quanto aos pares evidenciou-se o aumento da lealdade e intimidade e dos conflitos, um resultado que é consistente com a literatura. Quanto ao treinador, os nossos resultados não revelaram alterações significativas nos vários grupos etários. Os resultados das regressões múltiplas evidenciaram o papel predominante dos pais (particularmente da mãe), nos vários tipos de motivação, não se tendo verificado alterações relevantes entre os vários grupos etários. Os dados obtidos no estudo vão, em parte, de encontro ao reportado na literatura, apontando para uma maior influência dos pares e menor dos pais com o aumento da idade.

Em suma, o trabalho introduz um novo instrumento para a avaliação da importância dos pares para a prática desportiva, uma variável que os nossos resultados apontaram ser relevante para a motivação intrínseca. Por outro lado, reforça a importância do papel dos pais na motivação extrínseca. Propomos que limitações encontradas neste estudo (e.g., desequilíbrio no número de atletas por grupo) sejam colmatadas em estudos futuros. A análise combinada das fontes de suporte social acrescenta conhecimento teórico relevante para a área mas permite também sugerir algumas implicações práticas. Por exemplo, o conhecimento mais solidificado sobre quais os agentes com maior potencial de influência na motivação desportiva nos diferentes grupos etários, permite-nos sugerir intervenções mais eficazes no sentido de garantir e / ou aumentar essa mesma motivação. Estudos futuros utilizando outras metodologias (e.g., estudos longitudinais) e amostras mais alargadas deverão consolidar os resultados exploratórios apresentados neste trabalho.

keywords

Parents, peers, coach, intrinsic motivation, extrinsic motivation, self-determined motivation, amotivation, development

abstract

Social support refers to the interaction between individuals, with one providing support and the other receiving it; the goal is to improve the well-being of the one receiving the support. The literature has indicated that social support impacts sports motivation and this support can come from several agents, namely parents, peers and coaches. Although some studies have explored the influence of these various agents on motivation, few have that addressed more than one of these variables in combination. Furthermore, changes in the social support dynamics seem to occur throughout development, a topic that has received increasing attention given its importance to sports motivation. This study addresses the various social support agents simultaneously - coach, parents and peers; their importance to the athlete is assessed through self-report instruments. We also intend to explore the influence that these various agents have on sports motivation; this variable was also evaluated through a self-report measure.

Given the lack of a scale that allowed us to evaluate the social support provided by peers, in our first study, we present an initial validation of the Sports Friendship Quality Scale (Weiss & Smith, 1999). A total of 226 athletes (9-19 years) participated in this study. The results of this initial validation revealed satisfactory values of internal consistency for the various subscales that compose the instrument as well as minimally acceptable factorial validity.

In the second study, we analyzed the various social support agents and how they correlate (Pearson's correlation analysis) and predict the motivation to practice sports (multiple regression analyzes). These analyzes were performed for the total sample of athletes ($N = 192$, 9-19 years) and for the three age groups created to explore differences among development stages. The results indicate that peers mostly impact intrinsic motivation whereas the parents are mostly related to extrinsic motivation. Regarding the developmental analysis, we found that, with increasing age, there was an increase in the support and attendance by the parents, as well as a decrease in technical influence. As for the peers, there was an increase in loyalty and intimacy and conflicts, a result that is consistent with the literature. As for the coach, our results revealed no significant changes across the age groups. The results of the multiple regressions confirmed the major role of the parents (particularly the mother), in the various types of motivation; no relevant changes among the different age groups were obtained in these results. Our results are partially consistent with those reported in the literature, pointing to a greater influence of the peers and smaller of the parents as age progresses.

This work introduces a new instrument to evaluate the importance of the peers in sport, a variable that, according to our results, impacts athlete's intrinsic motivation. On the other hand, it reinforces the importance played by the parents on extrinsic motivation. Several shortcomings were identified in this study (e.g., imbalance in the number of athletes per age group), which should be considered in future studies. The combined analysis of the various sources of social support adds theoretical knowledge to the area and informs practical implications. For example, knowing which agents have the greatest potential to influence the athlete's sports motivation in the different age groups, allows us to suggest more effective interventions in order to secure and / or increase this motivation. Future studies using other methodologies (e.g., longitudinal studies) and larger samples should consolidate the exploratory results presented in this paper.

Índice

Introdução	1
Estudo 1 - Validação preliminar da EQAD	6
Método.....	6
Participantes.	6
Materiais.	6
Procedimento.....	7
<i>Fase preparatória da Escala da Qualidade da Amizade Desportiva para validação.</i>	7
<i>Recolha de dados.</i>	7
<i>Análise de dados.</i>	8
Resultados	8
Validade fatorial.	8
Consistência Interna.	8
Estudo 2 – análise da relação entre as variáveis	8
Método.....	8
Participantes.	8
Instrumentos.....	9
Procedimento.	10
<i>Análise de dados.</i>	11
Diferenças no suporte social.	12
Análises de regressão múltipla – modelos propostos.	16
Discussão	20
Referências	25
Anexos.....	29

Índice de tabelas

Tabela 1	13
Tabela 2	15
Tabela 3	17
Tabela 4	19
Tabela 5	20

Lista de Abreviaturas

EMD – Escala de Motivação no Desporto

EQAD – Escala da Qualidade da Amizade Desportiva

Pares_neg – subescala de conflitos da Escala da Qualidade da Amizade Desportiva

Pares_pos – componente positiva da Escala da Qualidade da Amizade Desportiva

IMA – índice de motivação autodeterminada

MCTA – Medida de Compatibilidade Treinador-atleta

QCPD – Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto

QCPDM – Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto – mãe

Mãe_neg – subescala de pressão para o rendimento do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto da mãe

Mãe_pos – componente positiva do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto da mãe

QCPDP – Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto do pai

Pai_neg – subescala de pressão para o rendimento do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto do pai

Pai_pos – componente positiva do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto do pai

Introdução

Os indivíduos são continuamente influenciados por fatores internos e externos. Uma das variáveis que está sujeita a esta influência é a motivação, nomeadamente a motivação intrínseca, extrínseca ou amotivação, sendo estas o envolvimento numa atividade pelo prazer que esta suscita, o envolvimento numa atividade como meio para atingir um fim ou a ausência de intenção para a realização de um comportamento, respetivamente. De acordo com a teoria da autodeterminação (Ryan & Deci, 2000), abordamos estas formas de motivação num continuum da autodeterminação à não-autodeterminação. No contexto desportivo, os fatores identificados como tendo influência no alto rendimento e mais especificamente nas diferentes formas de motivação, têm vindo a ser divididos em primários e secundários, sendo que estes últimos englobam questões sociais, culturais e contextuais (Baker & Horton, 2004). Dentro dos fatores sociais destaca-se o suporte percebido de pessoas significativas para os atletas – principalmente treinador, pais e pares – que tem vindo a ser descrito como relevante e resulta em ganhos pessoais e desportivos (Jowett & Timson-Katchis, 2015; Matos, Cruz, & Almeida, 2017; Sheridan, Coffee, & Lavalley, 2014). Assim, o suporte social pode ser definido como “uma troca de recursos entre pelo menos dois indivíduos percebidos pelo prestador ou recetor com a intenção de melhorar o bem-estar do recetor” (Shumaker & Brownell, 1984, p. 13).

Este suporte, ao satisfazer as três necessidades psicológicas básicas – autonomia (i.e., sentir-se com vontade de agir), competência (i.e., sentir-se capaz de alcançar os objetivos desejados e evitar os indesejados) e relação (i.e., sentir-se conectado e compreendido pelos outros) – aumenta tanto a motivação intrínseca como a sensação de bem-estar e leva a um funcionamento mais adaptativo (Adie & Jowett, 2010; Felton & Jowett, 2012; Pelletier et al., 1995; Ryan & Deci, 2000).

As relações do atleta com o treinador, pais e pares ocorrem de forma concomitante e este suporte múltiplo é indispensável ao alto rendimento desportivo (Riley & Smith, 2011). Assim, uma visão holística dos vários agentes é fundamental. No entanto, e apesar de haver um interesse crescente pelo estudo do impacto do suporte social no contexto desportivo, o número de estudos é ainda limitado sendo a sua maioria focalizados unicamente num agente de suporte social. Sheridan e colegas (2014) numa revisão sistemática sobre o suporte social na prática desportiva na juventude apresentam apenas cinco estudos que mostram o nível multifatorial de suporte, neste mesmo contexto.

No que diz respeito à relação atleta-treinador e ao suporte percebido do treinador, sabe-se que estes são importantes não só para o rendimento e motivação mas igualmente para o bem-estar de ambos os intervenientes (Adie & Jowett, 2010; Keegan, Spray, Harwood, & Lavalley, 2010; Lafrenière, Jowett, Vallerand, & Carbonneau, 2011). O suporte por parte desta figura influencia, não só a motivação como também a sensação de prazer na prática desportiva (Scanlan, Stein, & Ravizza, 1989). Deste modo e atendendo ao papel do treinador integrar vários tipos de preparação dos atletas (nomeadamente, tática, técnica, física e mental), surge o conceito de *supportive*

coaching que descreve um estilo de treinador que atende também a questões emocionais e relacionais além das questões instrumentais (Nicolas, Gaudreau, & Franche, 2011). O treinador, ao atender a estas necessidades psicológicas básicas, contribui para uma boa integração e regulação emocional do atleta bem como para a diminuição da percepção de exclusão social (Sheridan et al., 2014; Taylor & Bruner, 2012).

Modelos anteriores do estudo da relação atleta-treinador (e.g., modelo multidimensional e o modelo mediacional de liderança) têm vindo a cair em desuso visto caracterizarem esta relação apenas tendo em vista a liderança. Desta forma, estes modelos não incorporavam a vertente relacional, indispensável para a percepção de suporte. Assim, a relação atleta-treinador passou a ser estudada tendo em conta três fatores – comprometimento (cognições e intenção de manter a relação), proximidade (ligação emocional e afetiva) e complementaridade (interações comportamentais) – que denotam a natureza bidirecional da díade (Jowett, 2006; Jowett & Ntoumanis, 2004). Esta nova visão atesta que são experienciados resultados mais positivos aquando de uma maior interdependência atleta-treinador e que a complementaridade e a qualidade da relação estão positivamente associadas com a motivação intrínseca e a satisfação das necessidades (Adie & Jowett, 2010; Felton & Jowett, 2012; Jowett, 2009). Por outro lado, e, perante casos de *unsupportive coaching* – assente em comportamentos como gritar, manipular, intimidar, pressão excessiva e favoritismo – a relação atleta-treinador pode tornar-se uma fonte de stress e constituir um fator de risco para prejuízos na autorregulação (Nicolas et al., 2011).

No que concerne ao papel dos pais, a sua influência tem sido vista como preponderante na prática desportiva, sendo apontado como uma das principais fontes de suporte (Babkes & Weiss, 1999; Jowett & Cramer, 2010). Este fator explica diferenças ao nível afetivo e emocional entre experiências desportivas positivas e negativas de atletas e correlaciona-se positivamente com a motivação (Gomes, 1997; Sheridan et al., 2014).

A literatura aponta para uma relação entre a baixa percepção de pressão parental e elevados níveis de prazer associados à prática desportiva, bem como, associação entre a relação positiva parental e níveis inferiores de ansiedade competitiva (Gomes, 1997; Ullrich-French & Smith, 2006). Esta baixa percepção de pressão parental prende-se com comportamentos por parte dos pais que englobam expetativas realistas face ao rendimento desportivo, encorajamento e apoio, e baixa presença de avaliações negativas face ao baixo rendimento (Gomes, 1997). O oposto verifica-se em comportamentos como criticar o atleta ou manter expetativas irrealistas e que levam à experiência de maiores níveis de ansiedade por parte do atleta (Gomes, 1997; Gould, Lauer, Rolo, Jannes, & Pennisi, 2006). Nestes casos, e à medida que o grau de investimento familiar (em termos de tempo e recursos) aumenta, podem surgir o sentimento de restrição ao papel de atleta que, por sua vez, podem originar sintomas de *burnout* e, posteriormente, o abandono da prática desportiva (Gomes, 1997). Estes atletas apresentam maior tendência para baixas expetativas de rendimento e maior preocupação com a avaliação social e a falha (Gomes, 1997).

Por sua vez, os pares, ao longo de todo o desenvolvimento social, emocional e comportamental, têm um papel de relevo que assenta em dois conceitos – amizade e aceitação. Apesar de ambos influenciarem positivamente a motivação autodeterminada, a amizade baseia-se em características da relação diádica como a qualidade da relação, suporte, intimidade e validação de autoestima. A aceitação, por outro lado, remete para um estado de popularidade e dá a noção de competência e pertença (Riley & Smith, 2011; Sheridan et al., 2014; Ullrich-French & Smith, 2006; M. R. Weiss & Smith, 2002). No que diz respeito à amizade, verifica-se uma associação estreita entre esta e a percepção de suporte social pelos pares, atração pela atividade física, motivação intrínseca e compromisso dos atletas com o desporto (Gomes, 1997; Smith, 1999).

De um modo geral e apesar de haver supremacia de alguns agentes em determinadas fases da carreira desportiva, a combinação do suporte por parte do treinador, pais e pares tem vindo a ser descrita como significativa para a motivação e experiência desportiva do atleta (Keegan et al., 2010; Sheridan et al., 2014). Numa visão integral, Keegan e colaboradores (2010) apresentam a importância do treinador numa ótica de instrução e feedback, dos pais visando suporte e ações facilitadoras da prática desportiva e dos pares com contributos graças à competitividade, feedback e relações sociais.

Para além da influência que cada uma destas três variáveis tem na motivação desportiva, é também sabido que elas estão interligadas e se influenciam mutuamente. Por exemplo, o suporte parental percebido tem impacto positivo na relação atleta-treinador. Por outro lado, verifica-se um efeito da percepção da relação atleta-treinador na qualidade da amizade e aceitação dos pares (Jowett & Timson-Katchis, 2015; Riley & Smith, 2011; Sheridan et al., 2014). Estudos apontam ainda que os atletas que percebem pelo menos uma ou duas fontes de suporte social como positivas, reportam níveis mais elevados de competência, diversão e motivação e níveis inferiores de stress no desporto (Riley & Smith, 2011; Ullrich-French & Smith, 2006). Ademais, todos estes fatores influenciam a motivação desportiva através da comunicação/feedback, sendo que estes podem ter um efeito positivo, aumentando a motivação, ou negativo, por exemplo, aumentando a frustração e prejudicando a relação com o mensageiro do feedback (Keegan et al., 2010).

Tal como suprarreferido, os três agentes sociais, através da satisfação das três necessidades psicológicas, têm influência na motivação desportiva, podendo suscitar o aumento ou diminuição da motivação intrínseca que, por sua vez, tem impacto, por exemplo, na forma como o atleta se relaciona com os agentes de suporte social. Assim, quanto mais os agentes sociais criarem um ambiente propício à satisfação das necessidades, maior autodeterminação e bem-estar será reportado pelos atletas (Deci & Ryan, 1985; Felton & Jowett, 2013; Jowett & Timson-Katchis, 2015; Riley & Smith, 2011). Estudos anteriores revelaram que a relação atleta-treinador, a aceitação por pares e a qualidade da amizade positivas, predizem a motivação autodeterminada (Riley & Smith, 2011; Ullrich-French & Smith, 2006).

Além da variável suprarreferida, sabe-se ainda que, ao longo da carreira existem alterações ao nível da prática desportiva, como por exemplo, o aumento do treino, em momentos de transição

(Pummell, Harwood, & Lavallee, 2008). De acordo com Côte, Baker e Abernethy (2003), o desenvolvimento desportivo assenta em três estádios com diferentes características – *sampling years* (prática de vários desportos), *specializing years* (desenvolvimento de competências específicas de um desporto) e *investment years* (investimento num nível de excelência). Por sua vez, Durand-Bush e Salmela (2002) acrescentaram um quarto estádio – *maintenance years* – que visa a manutenção do desempenho. Além destes diferentes estádios e durante cada um dos mesmos, os atletas vão ainda sofrer outras transições normativas e não-normativas, na sua vida, sendo estas esperadas e imprevisíveis, respetivamente (Pummell et al., 2008). No contexto desportivo, estas transições podem ser incluídas no desenvolvimento atlético, psicológico, psicossocial e vocacional sendo que todas as alterações de pessoas significativas para o atleta estão incluídas nas transições psicossociais (Pummell et al., 2008). Neste sentido, ao longo do desenvolvimento da carreira desportiva existem mudanças na influência social tripartida entre o treinador, os pais e os pares (Côte et al., 2003). A família apresenta uma importância elevada no início da prática desportiva passando os pais de um envolvimento mais direto para um envolvimento mais indireto que se assemelha à presença como espectadores (Côte et al., 2003). Assim, o papel dos pais vai variando ao longo dos estádios sendo que, no primeiro verifica-se um incentivo por parte dos pais para a prática, o segundo denota um comprometimento parental em termos financeiros e de tempo e o terceiro assenta no apoio emocional por parte dos mesmos (Côté, 1999; Duffy, Lyons, Moran, Warrington, & MacManus, 2006). Também se verifica que atletas que foram bem sucedidos na transição entre estádios reportam um maior envolvimento parental (Wuerth, Lee, & Alfermann, 2004).

No que diz respeito aos pares e ao treinador, ao longo da progressão da carreira desportiva, verifica-se a necessidade de um treinador mais especializado bem como de um maior suporte por parte dos colegas de equipa (Duffy et al., 2006). Assim, os papéis destes agentes vão-se alterando de maneira que os pares adotam uma função de suporte para as necessidades mais emocionais e o seu feedback passa a ser mais relevante durante a adolescência e o treinador passa a ser mais qualificado na área (Côte et al., 2003; Wylleman, Alfermann, & Lavallee, 2004). Também se verifica que, ao longo do seu desenvolvimento, as crianças passam a considerar discussões e competitividade como parte integrante da amizade e que há um aumento da perceção de conflitos, no contexto desportivo, devido à competitividade interpessoal vivida no seio da equipa e entre equipas (M. R. Weiss & Smith, 2002).

Posto isto, esta dissertação pretende, primeiramente, estudar as alterações da perceção do suporte social, pelos adolescentes e jovens, em diferentes grupos etários, neste caso, focando o treinador, pais e pares (mais especificamente o melhor amigo no clube ou equipa); estas variáveis serão avaliadas utilizando instrumentos de autorrelato. Espera-se que o treinador se torne mais importante à medida que a idade/escalão do desportista aumenta, dada a necessidade de um aperfeiçoamento e treino mais especializados (Côte et al., 2003). Este facto deve ser visível através do aumento da pontuação no instrumento referente à avaliação deste agente de suporte. Por outro

lado, espera-se o padrão inverso quanto ao papel a desempenhar pelos pais. Ou seja, prevê-se que estes passem a ter um papel menos ativo à medida que a idade/escalão do desportista aumenta, o que se deverá traduzir em pontuações mais reduzidas no instrumento de autorrelato utilizado para avaliação desta variável e que inclui as dimensões *acompanhamento competitivo*, *apoio desportivo* e *influência técnica* (Côte et al., 2003; Gomes, 2010; Vasconcelos & Gomes, 2015). Quanto ao papel desempenhado pelos pares, à medida que a idade/escalão aumenta, estes passam a ter uma função de suporte mais relevante, suprimindo as necessidades emocionais e deixando de estar exclusivamente relacionados com o companheirismo de jogo (Côte et al., 2003). Deste modo, espera-se que, a par com o desenvolvimento desportivo, haja um aumento da pontuação nas dimensões *lealdade e intimidade*, *coisas em comum* e *conflito*, e diminuição da pontuação na dimensão *companheirismo e jogo agradável* (M. R. Weiss & Smith, 2002).

Sabe-se que o suporte social tem influência na motivação. Por isso, é também objetivo desta dissertação explorar se algum dos agentes de suporte tem impacto superior na motivação, quer de um modo geral, quer em diferentes grupos etários. Portanto, espera-se que em valores mais elevados de suporte social se verifiquem igualmente valores mais elevados de motivação autodeterminada; também esta variável será avaliada através de instrumentos de autorrelato. Ao longo do desenvolvimento e com base na teoria de Côte e colaboradores (2003), espera-se que os pais passem a ter menor impacto na motivação e que este aumente para os pares e treinador. De modo exploratório, as análises debruçar-se-ão nas várias formas de motivação e olhando para esta como um continuum de autodeterminação.

Finalmente, pela inexistência e necessidade de um instrumento devidamente validado que permita avaliar na nossa população no que diz respeito à qualidade da relação com os pares no desporto, pretende-se apresentar um estudo inicial de validação, para a população portuguesa (idades dos 10 aos 18 anos), a *Sport Friendship Quality Scale* (M. R. Weiss & Smith, 1999). Designámos esta escala em Português como Escala da Qualidade da Amizade Desportiva (EQAD). Para o objetivo suprarreferido foi necessária a realização de uma reflexão falada que auxiliou o processo de tradução do instrumento. Este momento foi ainda essencial para garantir que os participantes de idades mais jovens compreendiam os instrumentos utilizados na investigação.

Assim sendo, a descrição da investigação que se segue apresenta-se dividida em dois estudos. O estudo 1 é referente à validação preliminar da EQAD e o estudo 2 envolve as análises de relação entre as variáveis estudadas. Em concreto, pretende-se explorar a relação entre elas, e as diferenças em grupos etários dispares, assim como a importância diferenciada de cada uma delas no global e em diferentes grupos etários.

Estudo 1 - Validação preliminar da EQAD

Método

Participantes.

Foi recolhida uma amostra inicial de 235 participantes dos quais foram eliminados 1 participante por apresentar idade inferior a 9 anos e 8 por apresentarem uma percentagem de respostas, na EQAD, inferior a 95% (Hair Jr, Black, Babin, & Anderson, 2005). Assim, a amostra utilizada na validação da EQAD foi constituída por 226 atletas (74 do sexo feminino e 152 do masculino) entre os 9 e os 19 anos ($M = 13.46$, $DP = 2.12$), todos praticantes em clubes distritais de Aveiro das modalidades coletivas de basquetebol, andebol e futebol (cf. Anexo 1 e 2). Os atletas foram categorizados por escalões (de acordo com a idade aquando da resposta aos instrumentos) sendo que 15 pertenciam aos sub-10, 72 aos sub-12, 69 aos sub-14, 45 aos sub-16 e 25 aos sub-18 (incluindo o participante de 19 anos). Atendendo à sua carreira desportiva, tem-se uma duração média da prática do desporto a variar de 1 a 13 anos ($M = 4.96$, $DP = 2.92$) e a carga de treinos semanal a oscilar entre 3 e 10 horas ($M = 5.59$, $DP = 1.58$).

Materiais.

Informações sociodemográficas. Foi utilizado um questionário sociodemográfico preenchido pelo atleta (e.g., idade, pessoa com acompanhamento mais regular aos treinos, número de anos de prática desportiva, número de anos com o mesmo treinador e equipa); o clube também forneceu algumas informações genéricas (e.g., escalão e número de horas de treino). A recolha desta informação permitiu uma caracterização mais detalhada da amostra.

Sport Friendship Quality Scale (M. R. Weiss & Smith, 1999, 2002). A Escala da Qualidade da Amizade Desportiva (EQAD) mede a qualidade das relações de pares no contexto desportivo. O questionário tem 22 itens, divididos em 6 dimensões – *melhoria e suporte da autoestima* (4 itens; e.g., “Ele tem confiança em mim quando praticamos desporto”), *lealdade e intimidade* (4 itens; e.g., “Nós partilhamos segredos”), *coisas em comum* (4 itens; e.g., “Nós temos gostos em comum”), *companheirismo e jogo agradável* (4 itens; e.g., “Nós fazemos coisas divertidas”), *resolução de conflitos* (3 itens; e.g., “Nós fazemos as pazes facilmente quando nos zangamos”) e *conflitos* (3 itens; e.g., “Nós temos discussões”). Todos os itens são respondidos atendendo a uma escala tipo *likert* de 5 pontos que varia de 1=*nunca acontece* a 5=*acontece sempre* (ver Anexo 3 para o instrumento completo). Valores mais elevados demonstram melhor qualidade da amizade. Esta escala não se encontra validada para a população portuguesa, ocorrendo essa validação preliminar neste mesmo estudo.

Foram ainda recolhidos dados de outros instrumentos que serão explanados na secção instrumentos do estudo 2.

Procedimento.

Inicialmente, obteve-se a autorização formal para a utilização do instrumento a validar, mais especificamente pela autora Maureen Weiss. Depois de obtida a autorização, o projeto foi subtido ao Conselho de Ética e Deontologia da Universidade de Aveiro, tendo sido aceite a 21 de fevereiro de 2018 (Processo n.º: 20/2017).

Fase preparatória da Escala da Qualidade da Amizade Desportiva para validação.

De modo a manter a validade de conteúdo desta escala, a sua tradução-retroversão foi feita por várias etapas. Numa primeira fase, a tradução e adaptação da escala para a língua portuguesa foi realizada pelos autores deste trabalho e discutida em equipa, através do método de reflexão falada, tendo-se acordado uma primeira versão. Numa segunda fase, foi realizada uma reflexão falada (N=7) com o objetivo de apurar particularidades ou incompreensões desta primeira versão com crianças da faixa etária mais jovem incluída no estudo (10 anos). Decorrente deste processo procedemos a algumas alterações para facilitar o entendimento das crianças (e.g., a colocação de algumas expressões exemplificativas do item mal compreendido) e passou-se depois à retroversão do instrumento resultante. A retroversão da escala para a língua inglesa foi feita por um nativo de língua portuguesa e um nativo de língua inglesa sem ligação à área da psicologia e sem contacto prévio com o instrumento, sendo que ambos dominavam as duas línguas. Decorrente desta retroversão um dos itens sofreu ajustes e os restantes mantiveram-se (anexo 4).

Recolha de dados.

Foram contactados vários clubes para integrar no estudo. Após este primeiro contacto foram obtidos os consentimentos informados por parte dos clubes e dos Encarregados de Educação. Obtidas todas as autorizações formais, foram acordadas datas para a recolha de dados, convenientes a ambas as partes envolvidas no estudo.

Apenas participaram no estudo os atletas para os quais foram previamente obtidas as autorizações por parte dos Encarregados de Educação. Adicionalmente, a participação dos atletas decorreu mediante a sua clara manifestação de vontade em participar e após obtenção de consentimento informado escrito. Para isso, foi-lhes sempre indicada de forma expressa a natureza voluntária do estudo, sendo garantida a ausência de quaisquer consequências negativas advindas da não participação no estudo ou sua desistência.

A participação de cada atleta teve uma duração de cerca de 30 minutos. As sessões de recolha de dados foram realizadas em grupo e consistiram no preenchimento do conjunto de instrumentos suprarreferidos, em versão papel e caneta, tendo sido pedido aos participantes que os preenchessem da forma mais sincera possível (nesta sessão foram ainda recolhidos os dados dos instrumentos apresentado no estudo 2 o que justifica a duração da mesma). Esteve sempre presente nas sessões um investigador que prestou apoio e esclareceu dúvidas que foram surgindo.

Análise de dados.

A análise de dados consistiu, inicialmente, na preparação da base de dados com eliminação dos participantes com mais de 5% de respostas omissas no questionário em análise; as restantes respostas omissas foram substituídas através de uma estratégia de maximização esperada através programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). O mesmo programa foi utilizado para analisar os valores de consistência interna de cada subescala com recurso ao alfa de Cronbach. No que diz respeito à análise dos dados em si, foi realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC) para o instrumento considerando a estrutura de 6 fatores proposta pela autora do mesmo, por recurso ao programa estatístico MPLUS v7.4.

Resultados

Validade fatorial.

Os resultados da AFC, utilizando o estimador *Maximum Likelihood Robust* indicam um ajustamento adequado do modelo de medida ($\chi^2 (194) = 395.39, p < .001$; RMSEA = .068, 90% CI = .058; .077; CFI = .85, SRMR = .063). Os *loadings* foram sempre superiores a .38 (item 2 na escala de lealdade); o valor máximo de .85 foi obtido para o item 18 na escala de conflito. Todos os valores de *loading* foram significativos ao nível de p de .001 (ver anexo 4).

Consistência Interna.

No que concerne à consistência interna do instrumento obtiveram-se valores adequados para as subescalas de *melhoria e suporte da autoestima* ($\alpha = .72$), *companheirismo e jogo agradável* ($\alpha = .75$), *resolução de conflitos* ($\alpha = .74$) e *conflitos* ($\alpha = .74$). As subescalas *lealdade e intimidade* e *coisas em comum* obtiveram valores inferiores ao tipicamente considerado aceitável ($\alpha = .56$ e $\alpha = .67$, respetivamente). Por estes valores não melhorarem pela exclusão de qualquer item, e respeitando as limitações inerentes a estes valores, eles serão aceites para a continuação deste estudo uma vez que a escala está a ser utilizada para efeitos de investigação e não com fins de diagnóstico (Nunnally, 1978) e por se tratar de uma validação inicial.

Estudo 2 – análise da relação entre as variáveis

No estudo 2 são apresentados dados acerca das várias fontes de suporte social (pais, pares e treinador) e de como estas se relacionam com a motivação e a influenciam. É ainda apresentada uma análise por grupos etários que permite verificar como as alterações da perceção de suporte social nos diferentes grupos etários e as alterações da influência do suporte social na motivação.

Método

Participantes.

Da amostra suprarreferida, no estudo 1, foi utilizada uma subamostra para a realização deste conjunto de análises cuja determinação teve em conta o padrão de respostas obtido aos restantes instrumentos de autorrelato utilizados. Assim, foram eliminados 34 participantes por

apresentarem percentagem de *missings* superior a 5% em pelo menos um instrumento (Hair Jr et al., 2005).

Desta feita, a segunda amostra foi constituída por 192 atletas (125 do sexo masculino), entre os 9 e os 19 anos, e cuja média de idades é de 13.58 anos ($DP = 2.11$). Todos os participantes eram praticantes em clubes distritais de Aveiro das modalidades coletivas de basquetebol, andebol e futebol (cf. Anexo 1 e 2). Os atletas foram categorizados por escalões (de acordo com a idade aquando da resposta aos instrumentos) sendo que 11 pertenciam aos sub-10, 60 aos sub-12, 58 aos sub-14, 41 aos sub-16 e 22 aos sub-18. Atendendo à sua carreira desportiva, tem-se uma duração média da prática do desporto a variar de 1 a 13 anos ($M = 5.02$, $DP = 2.95$) e a carga de treinos semanal a oscilar entre 3 e 10 horas ($M = 5.64$, $DP = 1.57$). Especialmente relevante para este estudo surge a informação de que os pais (81.4 %), em particular o pai (38.0 %), é a pessoa que mais acompanha o atleta aos treinos. É ainda de salientar o número médio de anos com o atual treinador ($M = 1.84$, $DP = 1.21$) e o número de anos com a atual equipa ($M = 2.47$, $DP = 1.81$).

Para a análise por grupos etários, a amostra foi subdividida em 3 três grupos, tendo em conta a faixa etária (9-12, 13-15 e 16-19 anos). Esta divisão visou, acima de tudo, a criação de grupos homogéneos. Assim sendo, os grupos apresentaram médias de idade de 11.42 ($DP = 0.79$), 13.86 ($DP = 0.80$) e 16.63 ($DP = 0.72$) para as faixas etárias 9-12 ($n = 71$), 13-15 ($n = 78$) e 16-19 anos ($n = 43$), respetivamente.

Instrumentos.

Além dos instrumentos suprarreferidos (informações sociodemográficas e EQAD), foram ainda recolhidos dados para os instrumentos a seguir descritos.

Medida de compatibilidade treinador-atleta (Gomes, 2008). Este instrumento pretende avaliar a compatibilidade entre os membros da díade treinador-atleta com recurso a 5 itens que avaliam a compatibilidade entre comportamentos, objetivos, personalidade/temperamento e ideias entre treinador e atleta. Os itens são respondidos numa escala de *likert* de 9 pontos que varia de 1=*nada compatíveis* a 9=*muito compatíveis*. O valor total da escala é calculado através da média de todos os itens e valores mais altos indicam uma maior compatibilidade. O índice de consistência interna da escala obtido na nossa amostra foi considerado adequado ($\alpha = .86$) que se aproxima do índice encontrado por Gomes e Paiva (2010) de $\alpha = .85$.

Questionário de comportamentos parentais no desporto – revisto (QCPD; Gomes, 2016). O instrumento avalia os comportamentos dos pais em relação à prática de desporto por parte dos filhos. Existe uma versão para pais e outra para atletas sendo que neste caso apenas foi utilizada a versão para atletas. A versão para atletas apresenta duas escalas, uma referente ao pai e outra referente à mãe e cada uma destas é composta por 18 itens. Os itens são respondidos com recurso a uma escala de *likert* de cinco pontos que varia de 1=*nunca* a 5=*sempre*. Estes 18 itens formam cinco subescalas de *apoio desportivo*, *acompanhamento competitivo*, *influência técnica*, *expetativas desportivas* e *pressão para o rendimento*, que são calculadas através da média do itens

da subescala. Valores mais elevados nas primeiras quatro subescalas e mais reduzidos na última denotam maior perceção de apoio parental. Todas as subescalas apresentaram valores adequados de consistência interna nos nossos dados, tanto na versão referente ao pai como na versão referente à mãe: *apoio desportivo* (pai: $\alpha = .82$; mãe: $\alpha = .87$), *acompanhamento competitivo* (pai: $\alpha = .97$; mãe: $\alpha = .98$), *influência técnica* (pai: $\alpha = .91$; mãe: $\alpha = .95$), *expetativas desportivas* (pai: $\alpha = .76$; mãe: $\alpha = .81$) e *pressão para o rendimento* (pai: $\alpha = .88$; mãe: $\alpha = .92$).¹

Escala de Motivação no Desporto (EMD; Gomes, 2014). Esta escala avalia a motivação para a prática desportiva em jovens em quatro dimensões: *amotivação*, *regulação externa*, *regulação identificada* e *motivação intrínseca*. As dimensões *regulação externa* (satisfazer um pedido externo) e *regulação identificada* (aceite como pessoalmente importante) podem agrupar-se numa só dimensão uma vez que ambas são tipos de motivação extrínseca (dimensão *motivação extrínseca*; Pelletier et al., 1995; Ryan & Deci, 2000). A escala é constituída por 12 itens que são respondidos tendo em conta uma escala de *likert* de sete pontos em que 1 corresponde a *discordo completamente* e 7 a *concordo completamente*. É possível calcular um índice de *motivação autodeterminada* (ver detalhes em Gomes, 2014) que, quanto mais elevado, mais autodeterminada é a orientação motivacional. Este índice funciona quase como uma variável contínua que reflete o controlo do sujeito na sua motivação para a prática desportiva; no extremo inferior estará a amotivação e no superior a motivação intrínseca. Neste estudo optou-se ainda pela divisão do instrumento em três subescalas, uma vez que as duas subescalas integrantes da motivação extrínseca continham apenas 2 itens cada e cada subescala é calculada pela média dos itens da subescala. Nestas 3 subescalas de *amotivação* ($\alpha = .76$), *motivação extrínseca* ($\alpha = .67$) e *motivação intrínseca* ($\alpha = .71$) obtiveram-se valores aceitáveis de consistência interna.¹

Procedimento.

À semelhança do ocorrido no estudo 1, foi realizado uma reflexão falada (com uma amostra diferente do primeiro) para a preparação dos restantes instrumentos, com o objetivo de verificar a sua compreensão por parte de crianças da faixa etária dos 10 anos e de proceder a eventuais ajustes aos instrumentos para assegurar a compreensão dos mesmos. Este grupo contou com a participação de 6 crianças com 10 anos. As características desta amostra são similares às características dos participantes com idade mais jovem da amostra final. Neste momento, foram analisados todos os instrumentos com exceção do Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (já validado com crianças a partir dos 8 anos), e o EQAD que já foi submetido a este mesmo procedimento (ver estudo 1). As respostas aos instrumentos acima referidos foram recolhidas aquando da recolha de dados para os instrumentos indicados no estudo 1, pelo que o procedimento de recolha de dados foi o mesmo (cf. Procedimento estudo 1).

Análise de dados.

O tratamento de dados seguiu o procedimento descrito no estudo 1. Seguindo a mesma regra para a permissão de missings, para os instrumentos QCPD, EQAD e EMD, foi permitido um máximo de um *missing*, não tendo sido aceites *missings* nos restantes instrumentos. Nos participantes considerados válidos, todos os *missings* foram substituídos através de uma estratégia de maximização esperada.

No que diz respeito à análise de dados, utilizou-se o programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 25.0 para Windows.

À semelhança do que acontece em alguns estudos (e.g., Ullrich-French & Smith, 2006), para as escalas referentes aos pais e aos pares, os scores das escalas positivas destes instrumentos foram agrupados de modo a formar um *score* positivo. Esta escolha é suportada, não só pela literatura, mas também pelas análises intra-escala (anexo 5 e 6), em que se verifica, nas escalas referentes ao pai e mãe, correlações significativas entre todas as subescalas à exceção da subescala de *pressão para o rendimento* (apenas apresenta correlações significativas com a *influência técnica* e as *expetativas desportivas*) e na escala referente aos pares, as subescalas correlacionam-se significativamente entre si, à exceção da subescala de conflito (apenas se correlaciona com as subescalas *lealdade e intimidade* e *coisas em comum*). Assim, todas as subescalas dos instrumentos, à exceção da *pressão para o rendimento* e *conflitos*, para os pais e pares, respetivamente, foram agrupadas formando os *scores* positivos, designados de mãe_pos, pai_pos e pares_pos. "Estes scores positivos foram calculados através da média de todos os itens englobados nas subescalas que denotam formas de apoio positivo (e.g., na escala dos pais, corresponde à média dos valores obtidos nas subescalas *apoio desportivo*, *acompanhamento competitivo*, *influência técnica* e *expetativas desportivas*). Para todos os scores positivos obtiveram-se valores elevados de consistência interna, sendo eles $\alpha = .91$, $\alpha = .92$ e $\alpha = .89$, para pai_pos, mãe_pos e pares_pos, respetivamente. No que respeita às subescalas negativas, estas serão designadas com recurso ao sufixo Neg e, por serem constituídas apenas por uma subescala, os valores de consistência interna são os reportados anteriormente para as subescalas *pressão para o rendimento* e *conflitos*.

Para as análises por grupos etários, a amostra foi dividida em três grupos distintos com as características já enumeradas.

Assim, atendendo aos três grupos, foram realizadas ANOVAs a 1 fator para explorar as diferenças nas diversas variáveis de suporte social em função dos grupos etários. Foram utilizadas correlações de Pearson para aceder às correlações entre as várias subescalas de todos os instrumentos tanto na amostra total como na amostra por grupos etários; todas as subescalas foram aqui utilizadas dado que podemos basear previsões específicas na literatura. Para explorar se as variáveis de suporte social (QCPD, EQAD e MCTA) predizem os diferentes tipos de motivação e quais as melhores preditoras, foram realizadas análises de regressão múltipla. Foi escolhido o método *stepwise*, visto que a literatura não aponta nenhuma hierarquia entre as três variáveis e dado tratar-se de um estudo exploratório da combinação de todas as variáveis em estudo. Este método foi

utilizado tanto para a amostra total como para prever modelos nos três grupos etários distintos. Para estas análises, e por assumirem uma natureza mais exploratória, optámos por usar apenas os fatores positivos e negativos de cada instrumento de modo a simplificar estas análises e a sua leitura (ver também Ullrich-French & Smith, 2006).

Resultados

Diferenças no suporte social.

Olhando para as subescalas de cada instrumento, verificam-se alterações significativas, em alguns subescalas, entre os diferentes grupos etários (cf. Tabela 1). No que respeita ao suporte social proveniente do pai, verificámos diferenças significativas nas variáveis *influência técnica* e *expetativas desportivas*, sendo que na primeira só se verificam diferenças significativas entre a faixa etária inferior e superior ($p = .002$) e na segunda as diferenças significativas são entre a faixa etária inferior ($p = .008$) e a intermédia e a inferior e a superior ($p < .001$). A diferença entre a faixa etária intermédia e superior é marginalmente significativa ($p = .596$). Já a perceção do suporte recebido por parte da mãe apresenta diferenças significativas nas subescalas de *apoio desportivo*, *acompanhamento competitivo*, *influência técnica* e *expetativas desportivas*. A primeira subescala apresenta alterações significativas entre a faixa etária 9-12 e a 13-15 ($p = .007$) e marginalmente significativas entre os 9-12 e os 16-19 anos ($p = .056$). O acompanhamento desportivo mostra alterações significativas apenas entre a primeira e a segunda faixas etárias ($p = .045$). As restantes subescalas (*influência técnica* e *expetativas desportivas*) apresentam alterações significativas entre a faixa etária dos 9-12 e 13-15 ($p = .012$ e $p < .001$, respetivamente), bem como 9-12 e 16-19 ($p = .003$ e $p = .001$, respetivamente). Em ambas as escalas referentes aos pais, todas as diferenças significativas indicam uma diminuição da pontuação da faixa etária inferior para a superior.

Já no que concerne à Escala da Qualidade da Amizade Desportiva, temos as subescalas *lealdade e intimidade* e *conflitos* do instrumento com variações significativas e positivas nos diferentes grupos etários. Na primeira, as diferenças significativas ocorrem entre os 9-12 e 13-15 anos ($p = .012$) e os 9-12 e 16-19 ($p = .016$), por sua vez, na segunda as diferenças entre os 9-12 e 13-15 são significativas ($p = .017$) e entre os 9-12 e 16-19 são marginalmente significativas ($p = .058$). Ambas as subescalas apresentam um aumento da pontuação com o aumento da idade. As restantes subescalas dos instrumentos suprarreferidos, bem como a medida referente ao treinador não apresentam diferenças significativas quando comparando os grupos etários.

Tabela 1

Valores descritivos (*M* e *DP*) de cada subescala para cada grupo etário. São ainda apresentados os resultados das comparações entre grupos para as diferentes subescalas

	A: 9-12 anos	B: 13-15 anos	C: 16-19 anos	F	Diferenças significativas
Pai					
Apoio desportivo	4.53 (0.72)	4.30 (0.76)	4.26 (0.70)	$F(2,189) = 2.50, p = .085$	
Acompanhamento competitivo	4.10 (1.24)	3.81 (1.23)	3.79 (1.08)	$F(2, 189) = 1.39, p = .252$	
Influência técnica	4.04 (1.05)	3.76 (1.16)	3.33 (0.97)	$F(2, 189) = 5.82, p = .004$	A > C**
Pressão para o rendimento	2.36 (1.11)	2.34 (1.12)	2.05 (1.06)	$F(2, 189) = 1.24, p = .292$	
Expetativas desportivas	3.53 (1.01)	2.99 (1.07)	2.73 (1.19)	$F(2, 189) = 8.61, p < .001$	A > B** A > C*** B > C+
Mãe					
Apoio desportivo	4.59 (0.53)	4.18 (0.97)	4.22 (0.86)	$F(2, 189) = 5.37, p = .005$	A > B** A > C+
Acompanhamento competitivo	4.02 (1.07)	3.53 (1.36)	3.52 (1.17)	$F(2, 189) = 3.71, p = .026$	A > B*
Influência técnica	3.40 (1.32)	2.78 (1.34)	2.56 (1.24)	$F(2, 189) = 6.79, p = .001$	A > B* A > C**
Pressão para o rendimento	2.12 (1.14)	2.08 (1.11)	1.81 (0.91)	$F(2, 189) = 1.20, p = .304$	
Expetativas desportivas	3.48 (1.08)	2.73 (1.14)	2.65 (1.29)	$F(2, 189) = 10.37, p < .001$	A > B*** A > C**
Pares					
Melhoria e suporte da autoestima	4.25 (0.66)	4.26 (0.61)	4.42 (0.58)	$F(2, 189) = 1.12, p = .328$	
Lealdade e intimidade	3.86 (0.76)	4.19 (0.62)	4.24 (0.69)	$F(2, 189) = 5.69, p = .004$	A < B* A < C*
Coisas em comum	3.91 (0.64)	3.97 (0.62)	4.03 (0.60)	$F(2, 189) = 0.48, p = .619$	
Companheirismo e jogo agradável	4.52 (0.53)	4.44 (0.62)	4.40 (0.68)	$F(2, 189) = 0.59, p = .557$	
Resolução de conflitos	4.19 (0.69)	0.75 (0.75)	4.32 (0.79)	$F(2, 189) = 1.04, p = .355$	
Conflitos	2.02 (1.00)	2.51 (1.04)	2.50 (1.21)	$F(2, 189) = 4.71, p = .010$	A < B* A < C+
Treinador	6.70 (1.70)	6.32 (1.60)	6.07 (1.70)	$F(2, 189) = 2.15, p = .119$	

Notas: F – resultados da ANOVA comparativa dos três grupos etários. Diferenças significativas referentes às comparações entre cada par de grupos etários. ⁺ p marginalmente significativo; *p < .05; **p < .01; ***p < .001

Análises de correlação entre variáveis.

O padrão de correlações encontrado entre o índice de motivação autodeterminada e a amotivação e motivação intrínseca, com a motivação autodeterminada a apresentar uma correlação elevada negativa com a amotivação e elevada positiva com a motivação intrínseca, vai de encontro à interpretação habitualmente realizada para este score total como um contínuo.

As correlações entre as variáveis do estudo são apresentadas numa tabela no anexo 6. De um modo geral, verificam-se correlações positivas significativas entre as escalas referentes aos pais (QCPDP e QCPDM) e a subescala de *motivação extrínseca*, com exceção da subescala *pressão para o rendimento*. Verifica-se também um padrão do *apoio desportivo* e *pressão para o rendimento* que se correlacionam com a *amotivação*, de forma negativa e positiva, respetivamente. Quanto ao índice de *motivação autodeterminada*, este apresenta, tanto para a mãe como para o pai, uma correlação positiva com as subescalas *apoio desportivo* e *acompanhamento competitivo* e correlação negativa com a subescala *pressão para o rendimento*. A *influência técnica*, por sua vez, só se correlaciona positivamente com o índice de motivação autodeterminada em relação ao pai.

Por outro lado, a *motivação intrínseca*, apesar de apresentar correlações com algumas subescalas dos instrumentos relativos aos pais, apresenta um padrão de correlações positivas mais sistemático com a EQAD. Todas as subescalas referentes aos pares se correlacionam positivamente com a *motivação intrínseca* com exceção da subescala de *conflitos* que apresenta uma correlação negativa próxima do significativo ($p = .08$). Novamente temos todas as subescalas da EQAD a correlacionar-se com o índice de *motivação autodeterminada*, à exceção da subescala *coisas em comum*. Todas estas correlações com a motivação autodeterminada são positivas, à exceção da subescala de *conflitos* que se relaciona negativamente.

No que concerne à escala referente ao treinador, esta medida correlaciona-se significativa e positivamente com as subescalas de *motivação intrínseca* e *extrínseca* bem como com o índice de motivação autodeterminada. A sua correlação significativa com a subescala de *amotivação* é negativa.

Já a análise das correlações por grupos etários pode ser analisada com recurso à Tabela 2. No que respeita ao suporte por parte do pai, na faixa etária mais jovem (9-12 anos) verifica-se uma correlação positiva dos comportamentos positivos do pai com a *motivação extrínseca*. Quanto à escala negativa (*pressão para o rendimento*), esta apresenta correlação negativa com a motivação autodeterminada e positiva com a subescala de *amotivação*. Na faixa etária intermédia (13-15 anos), verifica-se o padrão dos comportamentos positivos a correlacionarem positivamente com o índice de motivação autodeterminada e motivação intrínseca e negativamente com a *amotivação*. Na faixa etária dos 16 aos 19 anos, verifica-se um padrão semelhante ao encontrado na faixa etária

mais jovem – os comportamentos positivos correlacionam com a *motivação extrínseca* e os negativos com a motivação autodeterminada e a subescala *amotivação*.

Tabela 2

Correlações entre escalas de suporte social e escalas de motivação

	9 – 12 anos (n = 71)				13 – 15 anos (n = 78)				16 – 19 anos (n = 43)			
	IMA	AM	MI	ME	IMA	AM	MI	ME	IMA	AM	MI	ME
Pai_pos	.03	.02	.08	.25*	.31**	-.27*	.29**	.21	.25	-.10	.29	.47**
Pai_neg	-.51**	.42**	-.10	.21	-.10	.03	-.07	.01	-.32*	.37*	-.15	.19
Mãe_pos	-.09	.14	.06	.34**	.24*	-.24*	.22	.24*	.45**	-.33*	.37*	.12
Mãe_neg	-.49**	.50**	-.08	.23	-.29*	.30**	-.22*	-.02	-.17	.20	-.13	.11
Pares_pos	.07	.11	.25*	.23	.46**	-.25*	.60**	.14	.13	.10	.35*	-.17
Pares_neg	-.38**	.48**	-.15	.10	-.11	.14	-.09	-.03	-.28	.08	-.16	.17
Treinador	.05	-.08	.16	.13	.38**	-.32**	.38**	.20	.08	-.14	.01	.04

Notas. Correlações, N= 192; *p < .05; **p < .01. IMA: índice de motivação autodeterminada; AM: Amotivação; MI: motivação intrínseca; ME: motivação extrínseca; QCPDP_pos: componente positiva do pai; QCPDP_neg: subescala *pressão para o rendimento* do pai; QCPDM_pos: componente positiva da mãe; QCPDM_neg: subescala *pressão para o rendimento* da mãe; EQAD_pos: componente positiva dos pares; EQAD_neg: subescala *conflitos* dos pares; MCTA – Medida de Compatibilidade Treinador Atleta.

No que diz respeito ao papel da mãe, na faixa etária dos 9 aos 12 anos, verifica-se um padrão semelhante ao encontrado nas análises do pai na mesma faixa etária. Assim, os comportamentos positivos correlacionam-se com a *motivação extrínseca* e a subescala negativa correlaciona-se positiva e negativamente com as subescalas *amotivação* e motivação autodeterminada, respetivamente. Na faixa etária seguinte (13-15 anos) verifica-se que ambos os comportamentos, positivos e negativos, se correlacionam com a motivação autodeterminada e *amotivação*, mas em sentidos opostos. Ou seja, os comportamentos positivos relacionam-se positivamente com a primeira e negativamente com a segunda e o contrário acontece com os comportamentos negativos. Quanto à *motivação intrínseca*, esta correlaciona-se negativamente apenas com os comportamentos negativos e a extrínseca positivamente apenas com os comportamentos positivos. Na última faixa etária, os comportamentos positivos passam a correlacionar com todos os tipos de motivação à exceção da extrínseca sendo a correlação com a *amotivação* negativa. Quanto aos comportamentos negativos não se verifica qualquer correlação significativa.

Relativamente ao papel dos pares, verifica-se uma correlação positiva entre os comportamentos positivos e a *motivação intrínseca* em todas as faixas etárias. Além desta, a subescala negativa correlaciona-se negativamente com a motivação autodeterminada e positivamente com a *amotivação*. Na faixa etária dos 13 aos 15 anos, os comportamentos negativos não apresentam qualquer correlação significativa. Por sua vez, os comportamentos positivos apresentam correlação positiva com a motivação autodeterminada e com a *motivação intrínseca* e

negativa com a *amotivação*. Na última faixa etária, os comportamentos positivos dos pares apresentam correlação positiva com a *motivação intrínseca* e não se verifica qualquer outra correlação significativa.

No que concerne ao treinador, não se verificam correlações positivas com nenhuma medida de motivação nem na faixa etária mais jovem nem na faixa etária superior. Na faixa etária dos 13 aos 15 anos verificam-se correlações positivas com a motivação autodeterminada e a *motivação intrínseca* e negativa com a subescala de *amotivação*.

Análises de regressão múltipla – modelos propostos.

Do ponto de vista da amostra total, para o índice de motivação autodeterminada, obteve-se um modelo final significativo: $F(4, 187) = 15.01, p < .001$. Este explica 22.7% da variância dos resultados. Neste modelo foram contempladas as variáveis dos comportamentos negativos e positivos da mãe e positivos e negativos dos pares. Destas variáveis tem-se que as negativas predizem negativamente a motivação autodeterminada, ao contrário do que acontece com a *mãe_pos* e *pares_pos*, que predizem positivamente a motivação autodeterminada. Assim, quanto mais elevada a *pressão para o rendimento* por parte da mãe e os *conflitos* com os pares, menor a motivação e quanto mais elevada a componente positiva do pai e dos pares mais elevada a motivação (cf. Tabela 3).

A explicar 18.6 % da variância da *amotivação* surge um modelo que integra 3 variáveis preditoras – *mãe_neg*, *mãe_pos* e *pares_neg*. O modelo explica os resultados de forma significativa, $F(3, 188) = 15.51, p < .001$. Neste modelo de três fatores, tem-se os comportamentos negativos da mãe e dos pares com relações positivas com a variável dependente e os comportamentos positivos da mãe com relação negativa. Portanto, ao aumentar a *pressão para o rendimento* (mãe) e os *conflitos* com os pares, a *amotivação* (i.e., a falta de controlo e ausência de intenção para a realização do comportamento) aumenta. O contrário acontece com a componente positiva da escala da mãe que aumentando, diminui a *amotivação*.

O modelo proposto para a motivação extrínseca inclui apenas duas variáveis preditoras – *pai_pos* e *mãe_pos*. Este modelo explica de forma significativa 10.1% da variância da *motivação extrínseca*, $F(2, 189) = 11.72, p < .001$. As variáveis preditoras suprarreferidas relacionam-se positivamente com a *motivação extrínseca*, ou seja, quanto mais elevada a componente positiva do pai e da mãe, mais elevada esta componente da motivação.

O modelo final, para a motivação intrínseca, contempla os *pares_pos* e *pares_neg*. Este modelo explica, de forma significativa, 19.6% da variância dos resultados, $F(2, 189) = 24.31, p < .001$. A componente positiva e a subescala de *conflitos*, ambos dos pares, relacionam-se positiva e negativamente com a *motivação intrínseca*, respetivamente. Deste modo, quando a componente positiva aumenta, a *motivação intrínseca* também aumenta, e quando a subescala de *conflitos* diminui, a motivação diminui também.

Tabela 3

Sistematização dos modelos originados nas análises de regressão múltipla para a amostra total

	B	STE	B	t
Índice de motivação autodeterminada ($r^2=.23$)				
Mãe_neg	-1.30	.26	-.34	-5.04**
Mãe_pos	.92	.31	.20	2.93**
Pares_pos	1.71	.52	.22	3.29**
Pares_neg	-.78	.25	-.20	-3.10**
Amotivação ($r^2=.19$)				
Mãe_neg	.44	.08	.36	5.39**
Mãe_pos	-.30	.10	-.21	-3.11**
Pares_neg	.23	.08	.19	2.89**
Motivação extrínseca ($r^2=.20$)				
Pai_pos	.38	.14	.22	2.80**
Mãe_pos	.25	.13	.16	2.03*
Motivação intrínseca ($r^2=.10$)				
Pares_pos	.79	.12	.44	6.69**
Pares_neg	-.16	.06	-.18	-2.81**

Notas. * $p < .05$; ** $p < .01$. QCPDP_pos - componente positiva do QCPDP; QCPDM_pos – componente positiva do QCPDM; QCPDM_neg – subescala pressão para o rendimento do QCPDM; EQAD_pos - componente positiva da EQAD; EQAD_neg – subescala conflitos da EQAD.

No que concerne à amostra por grupos etários, obtém-se, para o índice de motivação autodeterminada, no grupo 9-12 anos, o modelo final significativo: $F(3, 67) = 11.88, p < .001$. Este explica 31.8% da variância dos resultados. Neste modelo foram contempladas as variáveis pai_neg, pares_neg e pai_pos. Destas variáveis tem-se que a *pressão para o rendimento* dos pais e a subescala *conflito* dos pares predizem negativamente a motivação autodeterminada, ao contrário do que acontece com a componente positiva dos comportamentos do pai, que predizem positivamente a motivação autodeterminada. Assim, quanto mais elevada a *pressão para o rendimento* por parte do pai e os *conflitos* com os pares, menor a motivação e quanto mais elevada a componente positiva do pai, mais elevada a motivação. No grupo dos 13 aos 15 anos, verifica-se que o modelo prediz cerca de 31.1% da *motivação autodeterminada*, $F(4, 73) = 9.70, p < .001$. Este modelo engloba as variáveis pares_pos, treinador, mãe_neg e mãe_pos. Todas apresentam uma relação positiva com o índice de motivação autodeterminada, fazendo-o aumentar quando estas aumentam, à exceção dos comportamentos negativos da mãe cujo aumento faz diminuir este tipo de motivação. Por último, no grupo de maior idade (16-19), o modelo é explicativo de uma percentagem de 18.2% da motivação autodeterminada, $F(1, 41) = 10.37, p = .003$. A única variável incluída neste modelo é a componente positiva dos comportamentos da mãe que varia

positivamente com a motivação autodeterminada, ou seja, quando uma aumenta, o mesmo ocorre à outra. A contribuição de cada variável para cada modelo pode ser encontrada na Tabela 4.

No que diz respeito à amotivação, no grupo dos 9 aos 12 anos, 34.5% da mesma é explicada pelo modelo que inclui duas variáveis preditoras: mãe_neg e pares_neg, $F(2, 68) = 19.40$, $p < .001$. Ambas as variáveis apresentam uma relação positiva com a *amotivação*, ou seja, quando estas aumentam, também a *amotivação* aumenta. Já o modelo, $F(4, 73) = 7.23$, $p < .001$, explica 24.5% dos resultados de forma significativa para o grupo etário intermédio (13-15). Neste modelo temos como fatores treinador, mãe_neg, mãe_pos e pai_neg. Todas as variáveis se relacionam de forma negativa com a *amotivação*, à exceção dos comportamentos negativos da mãe. Assim quando os primeiros aumentam a *amotivação* diminui e quando o mãe_neg aumenta a *amotivação* também aumenta. O fator do modelo para a faixa etária dos 16 aos 19 anos é a componente positiva do pai, que apresenta uma relação positiva com a variável dependente e que gera o modelo $F(1, 41) = 6.61$, $p = .014$. Este explica 11.8% da variância da *amotivação* e quando o pai_neg aumenta, a *amotivação* também aumenta.

Para a motivação extrínseca, a mãe_pos compõe o modelo proposto para o grupo dos 9 aos 12 anos. Pela sua relação positiva com este tipo de motivação sabe-se que o aumento desta pressupõe o aumento da *motivação extrínseca*. Esta variável explica 10.2% da variância da *motivação extrínseca* dando origem ao modelo significativo, $F(1, 69) = 8.97$, $p = .004$. O modelo proposto para a faixa etária intermédia (13-15) inclui uma variável preditora – mãe_pos. Este modelo, embora significativo, explica apenas 4.3% da variância da *motivação extrínseca*, $F(1, 76) = 4.49$, $p = .037$. A variável suprarreferida relaciona-se positivamente com a *motivação extrínseca*, ou seja, quanto mais elevada a componente positiva do QCPDM, mais elevada esta componente da motivação. Já para o grupo dos 16 aos 19 anos, o modelo encontrado apresenta explicação para 20.1% da variância $F(1, 41) = 11.55$, $p = .002$. Neste caso, a variável incluída é a mãe_pos e, à medida que esta aumenta, também a *motivação extrínseca* aumenta.

Para a motivação intrínseca, o modelo encontrado para as idades compreendidas entre os 9 e os 12 — engloba a variável pares_pos, $F(1, 69) = 4.45$, $p = .039$, como pode ser analisado na tabela 4. Esta variável relaciona-se com a motivação de forma positiva e ajuda a explicar 4.7% deste tipo de motivação. Assim, quando os comportamentos positivos dos pares aumentam, a *motivação intrínseca* também aumenta. Já o modelo para a faixa etária 13-15 contempla as variáveis pares_pos e treinador. Este modelo explica, de forma significativa, 38.2% da variância dos resultados, $F(2, 75) = 24.83$, $p < .001$. As variáveis relacionam-se positivamente com a *motivação intrínseca*. Deste modo, quando estas aumentam, a *motivação intrínseca* também aumenta. Finalmente, para a faixa etária acima (16-19), o modelo encontrado explica 23.6% da variância da *motivação intrínseca*, $F(2, 40) = 7.47$, $p = .002$. As variáveis englobadas neste modelo são mãe_pos e pares_pos. Como estas variam de forma positiva, à medida que aumentam, a *motivação intrínseca* também aumenta. A síntese dos modelos pode ser consultada na tabela 5.

Tabela 4*Sistematização dos modelos originados nas análises de regressão múltipla por grupos etários*

		B	STE	B	t
Índice de motivação autodeterminada					
9-12 anos ($r^2=.32$)	Pai_neg	-1.64	.36	-.49	-4.50**
	Pares_neg	-.91	.39	-.24	-2.34*
	Pao_pos	.93	.47	.21	2.01*
	Pares_pos	2.85	.91	.32	3.13**
13-15 anos ($r^2=.31$)	Treinador	.52	.29	.19	1.77*
	Mãe_neg	-1.11	.41	-.27	-2.69**
	Mãe_pos	1.04	.51	.21	2.04*
16-19 anos ($r^2=.18$)	Mãe_pos	2.33	.72	.45	3.22**
Amotivação					
9-12 anos ($r^2=.35$)	Mãe_neg	.42	.11	.38	3.74**
	Pares_pos	.45	.13	.36	3.46**
	Treinador	-.15	.08	-.19	1.80*
13-15 anos ($r^2=.25$)	Mãe_neg	.60	.15	.53	4.01**
	Mãe_pos	-.41	.15	-.30	-2.80**
	Pai_neg	-.32	.14	-.29	-2.28*
16-19 anos ($r^2=.12$)	Pai_neg	.50	.20	.37	2.57*
Motivação extrínseca					
9-12 anos ($r^2=.10$)	Mãe_pos	.66	.22	.34	2.99**
13-15 anos ($r^2=.04$)	Mãe_pos	.34	.16	.24	2.12*
16-19 anos ($r^2=.20$)	Pai_pos	.90	.27	.47	3.40**
Motivação intrínseca					
9-12 anos ($r^2=.05$)	Pares_pos	.42	.20	.25	2.11*
13-15 anos ($r^2=.38$)	Pares_pos	1.08	.19	.53	5.60**
	Treinador	.13	.06	.21	2.16*
16-19 anos ($r^2=.24$)	Mãe_pos	.38	.14	.38	2.84*
	Pares_pos	.57	.21	.37	2.71*

Notas. *p < .05; **p < .01. QCPDP_pos – componente positiva do QCPDP; QCPDP_neg – subescala pressão para o rendimento do QCPDP; QCPDM_pos – componente positiva do QCPDM; QCPDM_neg – subescala pressão para o rendimento do QCPDM; EQAD_pos – componente positiva da EQAD; EQAD_neg – subescala conflitos da EQAD; MCTA – Medida de Compatibilidade Treinador-Atleta.

Tabela 5

Sistematização das variáveis incluídas em cada modelo significativo obtido nas análises de regressão múltipla para o Índice de Motivação Autodeterminada (IMA), a Amotivação (AM), a Motivação Extrínseca (ME) e a Motivação Intrínseca (MI), para a amostra total e para cada grupo etário considerado. São ainda apresentadas as percentagens de variância explicada por cada modelo.

	9-19 anos		9-12 anos		13-15 anos		16-19 anos	
IMA	Mãe_neg		Pai_neg		Pares_pos			
	Mãe_pos	22.7%	Pares_neg	31.8%	Treinador	31.1%	Mãe_pos	18.2%
	Pares_pos		Pai_pos		Mãe_neg			
	Pares_neg				Mãe_pos			
AM	Mãe_neg				Treinador			
	Mãe_pos	18.6%	Mãe_neg	34.5%	Mãe_neg	24.5%	Pai_neg	11.8%
	Pares_neg		Pares_neg		Mãe_pos			
					Pai_neg			
ME	Pai_pos	10.1%	Mãe_pos	10.2%	Mãe_pos	4.3%	Pai_pos	20.1%
	Mãe_pos							
MI	Pares_pos	19.6%	Pares_pos	4.7%	Pares_pos	38.2%	Mãe_pos	23.6%
	Pares_neg				Treinador		Pares_pos	

Nota. A ordem de apresentação corresponde à ordem pela quais são inseridas nos modelos de regressão múltipla.

Discussão

O propósito deste estudo passa por compreender o impacto do suporte social na motivação desportiva em diferentes grupos etários. Para tal, foi necessário, inicialmente, validar um questionário de avaliação da amizade desportiva – Escala da Qualidade da Amizade Desportiva (M. R. Weiss & Smith, 1999). Na sua adaptação para português (Estudo 1), o instrumento obteve ajustamento adequado e similar ao encontrado por M. R. Weiss & Smith (2002). Apesar de duas subescalas (*lealdade e intimidade* e *coisas em comum*) apresentarem *loadings* menores, bem como valores de alfa próximos do valor mínimo aceitável, estas foram mantidas no estudo subsequente, uma vez que as subescalas apresentam um número reduzido de itens e que foram utilizadas, neste contexto, para fins de investigação (Nunnally, 1978; Streiner, 2003). Assim, optámos por manter as 6 dimensões apresentadas no artigo original do instrumento (M. R. Weiss & Smith, 1999). São os resultados preliminares do Estudo 1 que permitem dar alguma segurança à interpretabilidade dos resultados reportados no Estudo 2. Não obstante, esta validação carece de mais estudos para que o instrumento se torne mais robusto e a sua utilização mais confiável.

Quanto ao papel do suporte social *per se* (notório através de uma visão geral de todos os instrumentos), as diferenças encontradas entre os grupos etários aparecem maioritariamente entre os grupos dos 9-12 e 13-15 ou dos 9-12 e 16-19 anos. Estes dados revelam que a maior parte das diferenças se encontram entre o grupo mais novo e os restantes, sendo que para os atletas entre os 13 e os 19 anos não são tão notórias.

No que diz respeito aos pais, os valores na subescala de *influência técnica* apresentam uma diminuição significativa com o aumento da idade em ambos os pais. Por outro lado, as subescalas *apoio desportivo* e *acompanhamento competitivo* apenas apresentam diminuições significativas para a mãe, apesar de, para o pai, se notar esse padrão, ainda que de forma não significativa. Todos estes dados vão de encontro ao esperado (Gomes, 2010; Vasconcelos & Gomes, 2015). No entanto, verifica-se uma diminuição inesperada das *expectativas desportivas* dos pais percecionadas pelos atletas com o aumento da idade.

Quanto aos pares, as subescalas *lealdade e intimidade* e *conflitos* aumentaram significativamente ao longo do tempo, tal como esperado (M. R. Weiss & Smith, 2002). Quanto às restantes subescalas – *coisas em comum* e *companheirismo e jogo agradável*, apesar de não apresentarem alterações significativas, as pequenas alterações vão no sentido esperado, ou seja, a subescala *coisas em comum* tende a aumentar e a *companheirismo e jogo agradável* tende a diminuir; estes resultados são consistentes com a manutenção do companheirismo encontrada por W. Weiss e Weiss (2007).

Em relação ao treinador não se verificaram alterações significativas, contrariamente ao esperado, indo contra a hipótese de que a importância deste aumentava ao longo do desenvolvimento (Côte et al., 2003). Esta manutenção inesperada dos resultados pode dever-se à natureza do instrumento utilizado, que será discutida adiante.

Assim, de um modo geral, os nossos resultados referentes ao papel desempenhado pelos pais e pares nos diferentes grupos etários vão de encontro ao defendido por Côte e colaboradores (2003); a única exceção ocorreu para a relevância do treinador.

Atendendo à influência do suporte social na motivação, tal como previsto, verifica-se que valores superiores de suporte social levam a valores mais elevados das subescalas da motivação e que valores mais elevados em subescalas negativas se correlacionam com valores mais elevados na subescala de *amotivação*. Ou seja, comportamentos percecionados como positivos têm um impacto positivo e comportamentos negativos impactam negativamente na motivação. Verifica-se, ainda, uma dominância do impacto dos pais (com particular ênfase para a mãe) nos diversos tipos de motivação, à exceção da *motivação intrínseca* em que são mais influentes os pares.

O treinador apresenta uma influência mais dispersa pelos vários tipos de motivação, contudo, não aparece representado nos modelos gerados. Esta ausência pode dever-se ao facto de os outros agentes de suporte apresentarem uma influência superior ou, por outro lado, pode estar relacionado com a natureza do instrumento que avalia a compatibilidade e não comportamentos de suporte *per se*.

Quando olhamos para esta influência do suporte social na motivação do ponto de vista desenvolvimental (cf. síntese dos modelos na tabela 5 e anexo 7), o padrão geral que podemos observar em cada faixa etária vai de encontro ao padrão geral encontrado. Novamente, os pais com maior importância para a *motivação extrínseca* e os pares para a *motivação intrínseca*. O facto de os pais manterem a sua influência nos diferentes grupos etários vai de encontro à literatura que

aponta os pais como uma figura de suporte social preponderante para a prática desportiva dos atletas (Babkes & Weiss, 1999).

Os comportamentos negativos dos pares, apesar de apresentarem um aumento de frequência com o aumento da idade, apenas aparecem como influentes na faixa etária dos 9 aos 12 anos. Estes dados vão de encontro ao facto de os conflitos passarem a ser uma realidade mais comum no meio competitivo e, por isso, com menor impacto à medida de que a idade avança (M. R. Weiss & Smith, 2002). O facto de em idades mais novas as relações com os pares terem maior influência, também suporta esta conclusão (Ullrich-French & Smith, 2006). Por outro lado, os comportamentos positivos dos pares têm sempre correlação positiva com a *motivação intrínseca*, sem alterações de relevo entre grupos etários. Isto pode dever-se ao facto de os atletas, a partir de cerca dos 16 anos, procurarem amigos fora do desporto para suprir as suas necessidades emocionais, mantendo, deste modo, constantes as suas amizades desportivas (Côte et al., 2003). Por conseguinte, o melhor amigo do atleta pode não corresponder ao melhor amigo na equipa (Riley & Smith, 2011).

Contrariamente aos modelos gerais, o papel do treinador na motivação desportiva aparece referenciado na idade intermédia (13-15 anos) mostrando que a compatibilidade treinador-atleta tem mais influência na motivação nesta faixa etária. Ainda que o instrumento utilizado nos tenha cingido à avaliação do treinador com base na compatibilidade, pela ausência de outro instrumento validado para a nossa população que permitisse a avaliação de dimensões mais referidas na literatura (e.g., comportamentos de suporte do treinador), os resultados presentes não vão ao encontro da literatura que mostra uma crescente influência do treinador com o avanço da idade (Côte et al., 2003).

Em síntese, os modelos não evidenciam diferenças que permitam defender que a influência do suporte social na motivação oscila ao longo do desenvolvimento, apesar de apontarem para uma diminuição do suporte por parte dos pais e aumento por parte dos pares. No entanto, estes padrões de alterações não ocorrem de forma semelhante quando analisada a influência do suporte social na motivação em diferentes grupos etários. Deste modo, os pais surgem como figura preponderante em quase todos os modelos (com exceção da *motivação intrínseca*) o que vai ao encontro do papel significativo dos pais encontrado por Trouilloud e Amiel (2011). Ainda, todos os modelos apresentados explicam desde 4% a 38% da variância dos resultados. Apesar de cinco dos modelos apresentarem valores relativamente baixos, os restantes modelos apresentam valores acima de 17% que é o valor apresentado por Ullrich-French e Smith (2006). Isto demonstra que existem outros fatores a ter elevado impacto na motivação desportiva além destes três agentes de suporte social (e.g., expectativas, autoestima).

Conforme definido inicialmente, este trata-se de um estudo exploratório que incluiu a validação de um instrumento para a nossa população. Verificámos que, apesar de globalmente aceitável, este instrumento, na sua formulação fatorial inicial, apresenta algumas limitações que devem ser tidas em conta nas conclusões a retirar. Nomeadamente nas subescalas *lealdade e*

intimidade e coisas em comum que de certa forma abordam ambas coisas que os atletas e seus colegas praticantes de desporto têm em comum ou que fazem em comum podendo, eventualmente, estar a abordar conceitos muito semelhantes. No entanto, com o agrupamento das subescalas formando um score positivo, este problema pode ter sido, em parte, atenuado. Ainda assim, assumimos cautela nas conclusões a retirar relativamente ao papel desempenhado pelos pares, bem como pelo treinador, dadas as particularidades do instrumento usado para avaliar esta última variável. Apesar deste apresentar correlações significativas com alguns tipos de motivação, não aparece contemplado em nenhum modelo, o que se poderá dever ao reduzido número de itens (5 itens) e ao facto de não se tratar de um instrumento de avaliação do suporte social, mas sim da compatibilidade. A utilização do mesmo deveu-se a ausência de outra alternativa para a nossa população que permitisse analisar esta variável com maior foco na perceção dos comportamentos em si. Assim, sugere-se, num próximo estudo, a utilização de um instrumento mais dirigido para o apoio social (designadamente o Coach – Athlete Relationship Questionnaire, Jowett & Ntoumanis, 2004) que avalie a perceção de comportamentos de suporte do treinador de forma semelhante aos outros instrumentos utilizados.

Outra limitação deste trabalho prende-se com o facto de, nas análises por grupos etários, estes serem constituídos por dimensões variadas, embora próximas. Embora o objetivo inicial fosse a recolha de grupos de dimensões equivalentes, as dificuldades encontradas na recolha de dados, nomeadamente na obtenção dos consentimentos informados por parte dos pais, não permitiram a sua concretização em tempo útil. Apesar disso, o *n* por grupo etário pode ser considerado aceitável, uma vez que se trata da sua utilização num contexto exploratório. Ainda assim, realçando a importância do estudo dos grupos etários e do suporte social ao longo do desenvolvimento desportivo, sugere-se que se realizem estudos longitudinais e que seja recolhida uma amostra mais elevada e homogénea que permita fazer as comparações entre grupos etários e retirar conclusões mais robustas.

Outra questão que pode dificultar a discussão dos dados, prende-se com o facto dos estádios propostos por Côte e colaboradores (2003) e Durand-Bush e Salmela (2002) se basearem em características da etapa de desenvolvimento desportivo e não na idade cronológica. Isto pode motivar as diferenças dos resultados encontrados em relação aos modelos propostos pelos autores. Provavelmente, atendendo às características da amostra, grande parte dos atletas insere-se no estágio *specializing years* por haver um elevado foco da prática desportiva numa só modalidade e uma diminuição da prática recreativa. Por isso, em estudos futuros, é importante avaliar as diferenças do suporte social em atletas em diferentes estádios de desenvolvimento desportivo e não atender exclusivamente à idade cronológica.

Quanto às análises utilizadas, dado que se tratou de um trabalho exploratório, utilizámos regressões lineares múltiplas baseadas no método *stepwise*, por serem dependentes da amostra e das correlações com a variável dependente. Assim, é necessário realizar mais estudos que

confirmem as relações hierárquicas encontradas, com recurso a outro tipo de análises, que permitam sustentar ou ajustar a teoria.

Os resultados aqui reportados não podem ainda ser generalizados a qualquer prática desportiva dado que, utilizámos uma amostra cujos atletas, por estarem envolvidos num desporto organizado, já estão, por si só, altamente motivados para a prática desportiva. Deste modo, estudos futuros deverão procurar perceber esta influência do suporte social em jovens com formas de prática desportiva mais díspares (e.g., estudantes praticantes regulares de exercício físico). Ademais, seria interessante explorar a influência do suporte social na motivação, tanto em modalidades coletivas como individuais, uma vez que, na literatura, já são reportadas algumas diferenças (e.g., Gomes & Zão, 2007).

Em suma, os estudos nesta área, abrangendo os três agentes de suporte social, são ainda escassos, por isso, este trabalho constitui um avanço científico que combina três agentes – treinador, pais e pares. Os nossos resultados reforçam a ideia de que existem alterações do suporte social quando comparamos atletas com idades díspares. Foi ainda possível explorar o impacto do suporte social na motivação, novamente a partir de uma perspetiva desenvolvimental, atendendo aos vários tipos de motivação e não apenas à motivação como um todo. Esta análise revelou que diferentes agentes são relevantes em diferentes aspectos motivacionais. Adicionalmente, estes resultados podem ser guias para intervenções mais eficazes na motivação dos atletas, nomeadamente ao sugerir quais os fatores que potenciam a motivação em cada faixa etária e que podem ser trabalhos pelos clubes; em particular, os comportamentos positivos dos pais e pares parecem ser aqueles que mais contribuem para manter os jovens com elevados níveis de motivação para a prática desportiva. Por outro lado, também dão indicações de quais os fatores que têm um impacto negativo (e.g., *pressão para o rendimento* por parte dos pais) e cuja diminuição pode constituir uma mais-valia para a saúde dos atletas e vivência social.

Referências

- Adie, J. W., & Jowett, S. (2010). Meta-perceptions of the coach-athlete relationship, achievement goals and intrinsic motivation among sport participants. *Journal of Applied Social Psychology, 40*(11), 2750–2773. doi: 10.1111/j.1559-1816.2010.00679.x
- Babkes, M. L., & Weiss, M. R. (1999). Parental influence on children's cognitive and affective responses to competitive soccer participation. *Pediatric Exercise Science, 11*(1), 44–62. doi: 10.1123/pes.11.1.44
- Baker, J., & Horton, S. (2004). A review of primary and secondary influences on sport expertise. *High Ability Studies, 15*(2). doi: 10.1080/1359813042000314781
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist, 13*(4), 395–417. doi: 10.1123/tsp.13.4.395
- Côte, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2003). From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In J. L. Starkes & K. A. Ericsson (Eds.), *Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise* (pp. 89–110). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). The general causality orientations scale: Self-determination in personality. *Journal of Research in Personality, 19*(2), 109–134. doi: 10.1016/0092-6566(85)90023-6
- Duffy, P., Lyons, D., Moran, A., Warrington, G., & MacManus, C. (2006). How we got here: Perceived influences on the development and success of international athletes. *The Irish Journal of Psychology, 27*(3–4), 150–167. doi: 10.1080/03033910.2006.10446238
- Durand-Bush, N., & Salmela, J. H. (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology, 14*(3), 154–171. doi: 10.1080/10413200290103473
- Felton, L., & Jowett, S. (2012). “What do coaches do” and “how do they relate”: Their effects on athletes' psychological needs and functioning. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports, 23*(2), 1–10. doi: 10.1111/sms.12029
- Felton, L., & Jowett, S. (2013). Attachment and well-being: The mediating effects of psychological needs satisfaction within the coach-athlete and parent-athlete relational contexts. *Psychology of Sport and Exercise, 14*(1), 57–65. doi: 10.1016/j.psychsport.2012.07.006
- Gomes, A. R. (1997). Aspectos psicológicos da iniciação e formação desportiva: O papel dos pais. In J. F. Cruz & A. R. Gomes (Eds.), *Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física: Teoria, investigação e intervenção* (pp. 291–319). Braga, Portugal: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Gomes, A. R. (2008). Medida de Compatibilidade Treinador-Athleta (MCTA). Relatório técnico não publicado. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Gomes, A. R. (2010). Influência parental no desporto: a percepção de pais e jovens atletas portugueses. *Estudos de Psicologia (Campinas), 27*(4), 490–503. doi: 10.1590/S0103-

- Gomes, A. R. (2014). Escala de Motivação no Desporto (EMD). Relatório técnico não publicado. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Gomes, A. R. (2016). Questionário de Comportamentos Parentais no Desporto (QCPD) - versão revista. Relatório técnico não publicado. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Gomes, A. R., & Paiva, P. (2010). Liderança, compatibilidade treinador-atleta e satisfação no andebol: percepção de atletas novatos e experientes. *Psico-USF*, 15(2), 235–248.
- Gomes, A. R., & Zão, D. V. (2007). Envolvimento parental e orientação motivacional na prática desportiva: desenvolvimento de instrumentos de avaliação e análise das percepções de pais e atletas. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 319–339.
- Gould, D., Lauer, L., Rolo, C., Jannes, C., & Pennisi, N. (2006). Understanding the role parents play in tennis success: A national survey of junior tennis coaches. *British Journal of Sports Medicine*, 40(7), 632–636. doi: 10.1136/bjsm.2005.024927
- Hair Jr, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2005). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Jowett, S. (2006). Interpersonal and structural features of Greek coach-athlete dyads performing in individual sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, 18(1), 69–81. doi: 10.1080/10413200500471335
- Jowett, S. (2009). Validating coach-athlete relationship measures with the nomological network. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 13(1), 34–51. doi: 10.1080/10913670802609136
- Jowett, S., & Cramer, D. (2010). The prediction of young athletes' physical self from perceptions of relationships with parents and coaches. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(2), 140–147. doi: 10.1016/j.psychsport.2009.10.001
- Jowett, S., & Ntoumanis, N. (2004). The Coach-Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q): Development and initial validation. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 14(1), 245–257. doi: 10.1046/j.1600-0838.2003.00338.x
- Jowett, S., & Timson-Katchis, M. (2015). Social networks in sport : Parental influence on the coach-athlete relationship. *The Sport Psychologist*, 15, 267–287. doi: 10.1123/tsp.19.3.267
- Keegan, R., Spray, C., Harwood, C., & Lavalley, D. (2010). The motivational atmosphere in youth sport: Coach, parent, and peer influences on motivation in specializing sport participants. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22(1), 87–105. doi: 10.1080/10413200903421267
- Lafrenière, M. A. K., Jowett, S., Vallerand, R. J., & Carbonneau, N. (2011). Passion for coaching and the quality of the coach-athlete relationship: The mediating role of coaching behaviors. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(2), 144–152. doi: 10.1016/j.psychsport.2010.08.002
- Matos, D. S., Cruz, J. F., & Almeida, L. S. (2017). Excelência no desporto: A importância de fatores pessoais e contextuais no percurso de campeões portugueses. *Revista Iberoamericana*

- Nicolas, M., Gaudreau, P., & Franche, V. (2011). Perception of coaching behaviors, coping and achievement in a sport competition. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 33(3), 460–468. doi: 10.1016/j.psychsport.2012.07.006
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Pelletier, L. G., Tuson, K. M., Fortier, M. S., Vallerand, R. J., Brikre, N. M., Blais, M. R., ... Blais, M. (1995). Toward a New Measure of Intrinsic Motivation, Extrinsic Motivation, and Amotivation in Sports: The Sport Motivation Scale (SMS). *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17, 35–53. doi: 10.1123/jsep.17.1.35
- Pummell, B., Harwood, C., & Lavalley, D. (2008). Jumping to the next level: A qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. *Psychology of Sport and Exercise*, 9(4), 427–447. doi: 10.1016/j.psychsport.2007.07.004
- Riley, A., & Smith, A. L. (2011). Perceived coach-athlete and peer relationships of young athletes and self-determined motivation for sport. *International Journal of Sport Psychology*, 42(1), 115–133.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-Being. *American Psychologist*, 55, 68–78. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.68
- Scanlan, T. K., Stein, G. L., & Ravizza, K. (1989). An in-depth study of former elite figure skaters: II. Sources of enjoyment. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(1), 65–83. doi: 10.1123/jsep.11.1.65
- Sheridan, D., Coffee, P., & Lavalley, D. (2014). A systematic review of social support in youth sport. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 7(1), 198–228. doi: 10.1080/1750984X.2014.931999
- Shumaker, S. A., & Brownell, A. (1984). Toward a Theory of Social Support: Closing Conceptual Gaps. *Journal of Sociat Issues*, 40(4), 11–36.
- Smith, A. L. (1999). Perceptions of peer relationships and physical activity participation in early adolescence. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 21(4), 329–350. doi: 10.1123/jsep.21.4.329
- Streiner, D. (2003). Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of Personality*, 80, 99–103. doi: 10.1207/S15327752JPA8001_18
- Taylor, I. M., & Bruner, M. W. (2012). The social environment and developmental experiences in elite youth soccer. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(4), 390–396. doi: 10.1016/j.psychsport.2012.01.008
- Trouilloud, D., & Amiel, C. (2011). Reflected appraisals of coaches, parents and teammates: A key component of athletes' self? *International Journal of Sport Psychology*, 42(1), 97–114.
- Ullrich-French, S., & Smith, A. L. (2006). Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. *Psychology of*

- Sport and Exercise*, 7(2), 193–214. doi: 10.1016/j.psychsport.2005.08.006
- Vasconcelos, S., & Gomes, A. R. (2015). Parental behavior, achievement goal and sport goals: A study with young athletes. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte*, 10(2), 215–223.
- Weiss, M. R., & Smith, A. L. (1999). Quality of youth sport friendships: Measurement, development and validation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 21, 145–166. doi: 10.1123/jsep.21.2.145
- Weiss, M. R., & Smith, A. L. (2002). Friendship quality in youth sport: Relationship to age, gender, and motivation variables. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24(4), 420–437. doi: 10.1123/jsep.24.4.420
- Weiss, W., & Weiss, M. R. (2007). Sport commitment among competitive female gymnasts: A developmental perspective. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78(2), 90–102. doi: 10.1080/02701367.2007.10599407
- Wuerth, S., Lee, M. ., & Alfermann, D. (2004). Parental involvement and athletes' career in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 21–33. doi: 10.1016/S1469-0292(02)00047-X
- Wylleman, P., Alfermann, D., & Lavallee, D. (2004). Career transitions in sport: European perspectives. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 7–20. doi: 10.1016/S1469-0292(02)00049-3

Anexos

Anexo 1 – Informações sociodemográficas

		Estudo 1 (N=226)	Estudo 2 (N=192)
Sexo	Feminino	74	67
	Masculino	152	125
Idade	Média (Desvio-Padrão)	13.46 (2.12)	13.58 (2.11)
	Mínimo – Máximo	9 – 19	9 – 19
Treino Semanal	Média (Desvio-Padrão)	5.59 (1.58)	5.64 (1.57)
	Mínimo – Máximo	3 – 10	3 – 10
Idade de Início	Média (Desvio-Padrão)	8.69 (2.58)	8.79 (2.50)
	Mínimo – Máximo	3 – 14	3 – 14
Anos de Prática	Média (Desvio-Padrão)	4.96 (2.92)	5.02 (2.95)
	Mínimo – Máximo	1 – 13	1 – 13
Anos com o atual treinador	Média (Desvio-Padrão)	1.81 (1.17)	1.84 (1.21)
	Mínimo – Máximo	1 – 7	1 – 7
Anos com a atual equipa	Média (Desvio-Padrão)	2.47 (1.82)	2.47 (1.81)
	Mínimo – Máximo	1 – 8	1 – 8

Anexo 2 – Distribuição da amostra pelas diferentes faixas etárias

Escalão considerado	Idade	Sexo	Estudo 1 (N=226)	Estudo 2 (N=192)
Sub-10	9	Feminino	0	0
		Masculino	2	1
	10	Feminino	6	4
		Masculino	7	6
Sub-12	11	Feminino	7	6
		Masculino	16	12
	12	Feminino	16	16
		Masculino	33	26
Sub-14	13	Feminino	14	11
		Masculino	25	20
	14	Feminino	11	11
		Masculino	19	16
Sub-16	15	Feminino	8	8
		Masculino	15	12
	16	Feminino	6	6
		Masculino	16	15
Sub-18	17	Feminino	4	3
		Masculino	17	15
	18	Feminino	1	1
		Masculino	2	2
	19	Feminino	1	1
		Masculino	0	0

Anexo 3 – Versão portuguesa da Escala da Qualidade da Amizade Desportiva

Escala da Qualidade da Amizade Desportiva

Adaptação de Correia, Pandeirada & Vagos (2018) da Sport Friendship Quality Scale (Weiss & Smith, 1999)

As frases abaixo referem-se a ti e à pessoa que consideras ser o teu melhor amigo/tua melhor amiga no desporto (por exemplo, na equipa, na escola ou no local onde vives). Gostaria que pensasses nesse amigo(a) enquanto respondes às perguntas. As perguntas são sobre o que tu e o teu amigo ou amiga podem fazer ou dizer um ao outro no desporto. Pensa no teu melhor amigo/tua melhor amiga no desporto. Todas as frases estão no masculino mas deves responder pensando no teu melhor amigo mesmo que seja uma rapariga. Escreve o nome dele ou dela no espaço seguinte: _____

Circunda o número que melhor indica o que tu sentes sobre ti e o teu melhor amigo/tua melhor amiga no desporto, de acordo com as seguintes opções: **1= Nunca acontece; 2= Acontece raramente; 3= Acontece algumas vezes; 4= Acontece muitas vezes; 5= Acontece sempre.**

		Nunca acontece	Acontece raramente	Acontece algumas vezes	Acontece muitas vezes	Acontece sempre
1.	Ele dá-me uma segunda oportunidade de mostrar o que valho.	1	2	3	4	5
2.	Nós podemos falar acerca de tudo.	1	2	3	4	5
3.	Nós temos gostos em comum.	1	2	3	4	5
4.	Nós fazemos coisas divertidas.	1	2	3	4	5
5.	Nós fazemos as pazes facilmente quando nos zangamos.	1	2	3	4	5
6.	Nós irritamo-nos um com o outro.	1	2	3	4	5
7.	Ele e eu elogiamo-nos um ao outro por sermos bons a fazer desporto.	1	2	3	4	5
8.	Nós defendemo-nos um ao outro quando praticamos desporto.	1	2	3	4	5
9.	Nós fazemos coisas semelhantes.	1	2	3	4	5
10.	Gosto de brincar com ele.	1	2	3	4	5
11.	Nós tentamos resolver as coisas quando não concordamos um com o outro.	1	2	3	4	5
12.	Nós lutamos um com o outro.	1	2	3	4	5
13.	Ele olha por mim.	1	2	3	4	5
14.	Depois de eu cometer erros, ele dá-me força para fazer melhor.	1	2	3	4	5
15.	Nós temos os mesmos valores (exemplo, amizade, respeito, justiça).	1	2	3	4	5
16.	Quando temos uma discussão, nós falamos sobre como encontrar uma solução.	1	2	3	4	5
17.	Nós entendemo-nos bem quando fazemos alguma coisa em conjunto.	1	2	3	4	5
18.	Nós temos discussões.	1	2	3	4	5
19.	Nós pensamos da mesma forma.	1	2	3	4	5
20.	Nós partilhamos segredos.	1	2	3	4	5
21.	Nós passamos tempo juntos.	1	2	3	4	5
22.	Ele tem confiança em mim quando praticamos desporto.	1	2	3	4	5

Anexo 4 – Itens, subescalas e *loadings* dos itens do instrumento Escala da Qualidade da Amizade Desportiva

Adaptação de Correia, Pandeirada & Vagos (2018) da Sport Friendship Quality Scale (Weiss & Smith, 1999)

Subescala	Item	<i>Loadings</i>
A	23. Ele dá-me uma segunda oportunidade de mostrar o que valho.	0.54
B	24. Nós podemos falar acerca de tudo.	0.38
C	25. Nós temos gostos em comum.	0.54
D	26. Nós fazemos coisas divertidas.	0.66
E	27. Nós fazemos as pazes facilmente quando nos zangamos.	0.67
F	28. Nós irritamo-nos um com o outro.	0.77
A	29. Ele e eu elogiamo-nos um ao outro por sermos bons a fazer desporto.	0.56
B	30. Nós defendemo-nos um ao outro quando praticamos desporto.	0.53
C	31. Nós fazemos coisas semelhantes.	0.62
D	32. Gosto de brincar com ele.	0.71
E	33. Nós tentamos resolver as coisas quando não concordamos um com o outro.	0.74
F	34. Nós lutamos um com o outro.	0.51
B	35. Ele olha por mim.	0.53
A	36. Depois de eu cometer erros, ele dá-me força para fazer melhor.	0.66
C	37. Nós temos os mesmos valores (exemplo, amizade, respeito, justiça).	0.55
E	38. Quando temos uma discussão, nós falamos sobre como encontrar uma solução.	0.69
D	39. Nós entendemo-nos bem quando fazemos alguma coisa em conjunto.	0.60
F	40. Nós temos discussões.	0.85
C	41. Nós pensamos da mesma forma.	0.60
B	42. Nós partilhamos segredos.	0.59
D	43. Nós passamos tempo juntos.	0.67
A	44. Ele tem confiança em mim quando praticamos desporto.	0.75

Nota: A – Melhoria e suporte da autoestima; B – Lealdade e intimidade; C – Coisas em comum; D – Companheirismo e jogo agradável; E – Resolução de conflitos; F – Conflitos. Uma das alterações realizadas devido à reflexão falada foi a adição dos exemplos no item “Nós temos os mesmos valores (exemplo, amizade, respeito, justiça)”.

Anexo 5 – Estatísticas descritivas das várias subescalas, para a amostra total

Agente	Subescala	Min – Max	M (DP)
Pai	Apoio desportivo	1 – 5	4.38 (0.74)
	Acompanhamento competitivo	1 – 5	3.92 (1.20)
	Influência técnica	1 – 5	3.77 (1.11)
	Pressão para o rendimento	1 – 5	2.29 (1.11)
	Expetativas desportivas	1 – 5	3.13 (1.11)
Mãe	Apoio desportivo	1 – 5	4.34 (0.83)
	Acompanhamento competitivo	1 – 5	3.71 (1.23)
	Influência técnica	1 – 5	2.96 (1.35)
	Pressão para o rendimento	1 – 5	2.04 (1.08)
	Expetativas desportivas	1 – 5	2.99 (1.21)
Pares	Melhoria e suporte da autoestima	1 – 5	4.29 (0.63)
	Lealdade e intimidade	1 – 5	4.08 (0.71)
	Coisas em comum	1 – 5	3.96 (0.62)
	Companheirismo e jogo agradável	1 – 5	4.46 (0.60)
	Resolução de conflitos	1 – 5	4.19 (0.74)
	Conflitos	1 – 5	2.33 (1.08)
Treinador		1 – 9	6.41 (1.67)
Motivação	Motivação autodeterminada	-18 – 18	8.75 (4.19)
	Amotivação	1 – 7	2.07 (1.30)
	Motivação Intrínseca	1 – 7	6.02 (0.95)
	Motivação Extrínseca	1 – 7	4.14 (1.41)

Anexo 6 – Tabela de correlações

Tabela 1: *Correlações de todas as subescalas do estudo*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
1	1																						
2	-.73**	1																					
3	.68**	-.25**	1																				
4	-.06	.20**	.39**	1																			
5	.18*	-.14	.21**	.30**	1																		
6	.26**	-.18*	.25**	.22**	.85**	1																	
7	.16*	-.07	.14	.16*	.75**	.60**	1																
8	.14*	-.10	.18*	.26**	.89**	.71**	.55**	1															
9	-.29**	.24**	-.10	.14	.21**	.01	.12	.22**	1														
10	.01	-.10	.09	.32**	.67**	.43**	.24**	.48**	.29**	1													
11	.17*	-.15*	.19*	.27**	.50**	.40**	.27**	.42**	.05	.49**	1												
12	.30**	-.25**	.29**	.18*	.38**	.41**	.26**	.29**	-.09	.29**	.78**	1											
13	.20**	-.12	.18*	.18*	.32**	.32**	.37**	.23**	-.02	.11	.70**	.54**	1										
14	.04	-.07	.07	.23**	.40**	.29**	.15*	.42**	.10	.38**	.87**	.51**	.49**	1									
15	-.33**	.33**	-.16*	.12	.08	-.09	-.05	.12	.76**	.26**	.22**	-.01	.08	.29**	1								
16	.05	-.08	.12	.24**	.44**	.26**	.09	.33**	.10	.74**	.72**	.49**	.19**	.57**	.24**	1							
17	.25**	-.02	.41**	.09	.21**	.26**	.15*	.19**	-.11	.06	.11	.15*	.08	.06	-.12	.07	1						
18	.30**	-.06	.43**	.08	.22**	.26**	.13	.19**	-.10	.13	.18*	.23**	.16*	.09	-.12	.12	.83**	1					
19	.17*	.07	.28**	.05	.11	.14*	.14	.08	-.07	-.01	-.08	.00	-.08	-.11	-.08	-.04	.81**	.58**	1				
20	.13	.00	.31**	.03	.15*	.16*	.07	.14*	-.09	.11	.06	.07	.00	.03	-.07	.10	.81**	.60**	.57**	1			
21	.25**	-.11	.37**	.12	.21**	.26**	.17*	.21**	-.07	.02	.11	.18*	.06	.07	-.13	.03	.83**	.61**	.62**	.59**	1		
22	.15*	.02	.26**	.08	.14*	.24**	.12	.14	-.11	-.03	.21**	.17*	.20**	.21**	-.07	.07	.73**	.56**	.43**	.51**	.52**	1	
23	-.22**	.24**	-.13	.04	-.05	-.06	-.05	-.04	.08	-.01	-.12	-.11	-.08	-.09	.08	-.07	.13	.01	.25**	.18*	.08	-.04	1
24	.19*	-.19**	.22**	.15*	.30**	.32**	.18*	.24**	-.02	.24**	.25**	.22**	.13	.20**	-.02	.22*	.30**	.19**	0.14*	.27**	.31**	.32**	-.20**

Nota. Correlações, *p<.05 (2-tailed), **p<.01 (2-tailed). 1, índice de motivação autodeterminada; 2, Amotivação; 3, motivação intrínseca; 4, motivação extrínseca; 5, componente positiva do QCPDP; 6, QCPDP apoio desportivo; 7, QCPDP acompanhamento competitivo; 8, QCPDP influência técnica; 9, QCPDP pressão para o rendimento; 10, QCPDP expetativas desportivas; 11, componente positiva do QCPDM; 12, QCPDM apoio desportivo; 13, QCPDM acompanhamento competitivo; 14, QCPDM influência técnica; 15, QCPDM pressão para o rendimento; 16, QCPDM expetativas desportivas; 17, componente positiva da EQAD; 18, EQAD melhoria e suporte da autoestima; 19, EQAD lealdade e intimidade; 20, EQAD coisas em comum; 21, EQAD companheirismo e jogo agradável; 22, EQAD resolução de conflitos; 23, EQAD conflitos; 24, MCTA

Anexo 7 – Síntese dos modelos de regressão múltipla para as diferentes variáveis da motivação, em função da amostra geral e dos grupos etários. São identificados, para cada indicador motivacional quais os factores que contribuem de forma significativa para a previsão dos mesmos. Na primeira Tabela são apresentados os resultados para a amostra total e, na seguinte, os mesmos resultados para cada grupo etário.

Variável Dependente	Pai_pos	Pai_neg	Mãe_pos	Mãe_neg	Pares_pos	Pares_neg	Treinador
Índice de motivação autodeterminada			X	X	X	X	
Amotivação			X	X		X	
Motivação Extrínseca	X		X				
Motivação Intrínseca					X	X	

Variável Dependente	Grupo Etário	Pai_pos	Pai_neg	Mãe_pos	Mãe_neg	Pares_pos	Pares_neg	Treinador
Índice de motivação autodeterminada	9-12	X	X				X	
	13-15			X	X	X		X
	16-19			X				
Amotivação	9-12				X	X		
	13-15		X	X	X			X
	16-19		X					
Motivação Extrínseca	9-12			X				
	13-15			X				
	16-19	X						
Motivação Intrínseca	9-12					X		
	13-15					X		X
	16-19			X		X		

